

O povoamento da América visto a partir dos sambaquis do Litoral Equatorial Amazônico do Brasil.

Arkley Marques Bandeira¹

Resumo

A pesquisa arqueológica no litoral brasileiro é de suma importância para se compreender e correlacionar as datações mais antigas sobre o povoamento da América, e principalmente às ocupações do território que hoje se denomina de Brasil, na medida em que algumas hipóteses de pesquisa trabalham na perspectiva de que “os sítios mais antigos parecem indicar que houve uma primeira migração de Homo sapiens vindo da Europa ou da África, pois estão mais próximos do oceano Atlântico. Além disso, o sistema de correntes marítimas e dos ventos favorece possíveis passagens, em embarcações rudimentares” (GUIDON: 2005, p. 15).

A ausência de pesquisas arqueológicas que demonstrem seqüências cronológicas que ultrapassem 15 mil anos no litoral brasileiro pode ser explicada por múltiplos enfoques, destacando-se a assertiva de que fatores climáticos promoveram mudanças ambientais, a exemplo do recuo e avanço do mar, que provavelmente submergiu as ocupações humanas mais antigas do litoral.

Neste sentido, a presente comunicação objetiva discorrer sobre o povoamento da América, a partir dos sambaquis, por serem esses assentamentos humanos os testemunhos atualmente mais antigos da presença humana no litoral. Como recorte geográfico, abordaremos as ocupações sambaqueiras do Litoral Equatorial Amazônico, pelo fato desses assentamentos terem sido pouquíssimas vezes referenciados na literatura arqueológica brasileira.

Com base na classificação de Aziz Ab'Saber (2003) o “Litoral Equatorial Amazônico” se situa na posição equatorial e subequatorial, estendendo-se por setores de três estados brasileiros (Amapá, Pará e Maranhão).

A partir da literatura referente ao tema pretende-se analisar todos os componentes do registro arqueológico e as datações disponíveis, com vistas a compor um quadro das ocupações humanas da área em questão e correlacionar os resultados com os dados mais recentes sobre o povoamento do continente Americano, com ênfase nas pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil.

Introdução

A pesquisa arqueológica no litoral brasileiro é de suma importância para se compreender e correlacionar as datações mais antigas sobre o povoamento da América, e principalmente as ocupações do território que hoje se denomina de Brasil, na medida em que algumas hipóteses de pesquisa trabalham na perspectiva de que “os sítios mais antigos parecem indicar que houve uma primeira migração de Homo sapiens vindo da Europa ou da África, pois estão mais próximos do oceano Atlântico. Além disso, o sistema de correntes marítimas e dos ventos favorece possíveis passagens, em embarcações rudimentares” (GUIDON: 2005, p. 15).

A ausência de pesquisas arqueológicas que demonstrem seqüências cronológicas de ocupações humanas que ultrapassem 10 mil anos no litoral brasileiro pode ser explicada por múltiplos enfoques, destacando-se a assertiva de que fatores climáticos promoveram mudanças ambientais, a exemplo do recuo e avanço do mar, que provavelmente submergiu aos assentamentos pré-históricos mais antigos do litoral.

Neste sentido, a presente comunicação objetiva discorrer sobre o povoamento da América, a partir dos sambaquis, por serem esses assentamentos humanos os testemunhos atualmente mais antigos da presença humana no litoral. Como recorte geográfico, abordaremos as ocupações sambaqueiras do Litoral Equatorial Amazônico, mais precisamente do litoral do Maranhão, pelo fato desses assentamentos terem sido pouquíssimas vezes referenciados na literatura arqueológica brasileira.

Com base na classificação de Aziz Ab’Saber (2003) o “Litoral Equatorial Amazônico” se situa na posição equatorial e subequatorial, estendendo-se por setores de três estados brasileiros (Amapá, Pará e Maranhão). Trata-se de um macrossetor da linha da costa brasileira, com aproximadamente 1.850 quilômetros de extensão, dominados por tipos de costa baixa, um golfo de origem complexa e diferentes planícies de maré tropicais fixadas por manguezais. Nessa região existem grandes exceções paisagísticas e ecológicas caracterizadas principalmente pelo ecossistema de manguezais.

As argilas que se acumularam há milhares de anos devido ao enorme volume de água doce amazônica deram origem a manguezais de diferentes tipos bióticos e comportamentos ecossistêmicos. Esse cordão de manguezais frontais, tipo “trombetiformes” são mascaradores da costa de rias do nordeste do Pará e do Maranhão (A’b SABER, 2003:58).

Abordar a arqueologia dos sambaquis do Litoral Equatorial Amazônico, nos remete a antigüidade desses assentamentos, principalmente no que concerne as datações para a ocorrência cerâmica no registro arqueológico. A cerâmica encontrada nos sambaquis dessa região é considerada por alguns pesquisadores como a mais antiga para o continente Americano, como detalharemos mais adiante.

A partir da literatura referente ao tema pretende-se analisar as datações disponíveis para esses assentamentos, bem como investigar os padrões de assentamento e a ocorrência cerâmica no registro arqueológico, com vistas a compor um quadro das ocupações humanas da área em questão e correlacionar os resultados com os dados mais recentes sobre o povoamento do continente Americano.

Breve panorama sobre o povoamento humano na América: uma visão à brasileira

Em artigo, *La antigüedad del hombre en el Nordeste do Brasil* (1992), a pré-historiadora Gabriela Martin avaliando o artigo do argentino Juan Schobinger, datado de 1988, reproduz informações referentes a quatro assentamentos na América do Norte, cujas cronologias indicam uma suposta presença humana há mais de 100 mil anos antes do presente²! A autora percebe que o estudo sobre a antiguidade humana na América indica a existência de três blocos cronológicos que representam assentamentos datados entre 100 e 300 mil anos; 25 e 50 mil³anos e por fim entre 10 e 20 mil⁴ anos antes do presente.

Segundo Martin (1992: 7) “las ideas preconcebidas que pretende imponer la ortodoxia de los prehistoridores americanos” faz com que muitos pesquisadores se recusem a aceitar as datações dos três blocos, afirmando que a falta de convencimento de alguns dados, a não aceitação de datas mais antigas na América do Sul em relação à América do Norte, a perspectiva de uma única de via de penetração no continente-estreito de Bering-e a ausência física de restos esqueléticos são os principais argumentos para o ceticismo em relação as cronologias obtidas mais recentemente para a penetração humana na América.

A partir de exemplos de várias pesquisas no continente sul-americano, com ênfase nos assentamentos brasileiros, como o Boqueirão da Pedra Furada em São Raimundo Nonato, Piauí, que forneceu cronologias que se estendem de 20 a 48 mil ano antes do presente (Pleistoceno) e entre 6 e 10 mil anos antes do presente (Holoceno), Martin (1992: 11) sugere que “por los datos que hoy se conocen, no se puede negar ya que el Nordeste do Brasil estaba poblado por seres humanos hace por lo menos 50000 años”.

Em artigo *O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica* (1997), o arqueólogo francês André Prous informa que desde o início do século XX, a partir dos estudos de Hrdlicka, surgiu uma tradição hipercrítica em relação a qualquer achado que confirmasse uma longa presença humana no Novo Mundo. A descoberta de grandes sítios de matança de animais como bisontes e mamutes, associados a vestígios arqueológicos favoreceram o estabelecimento de uma cultura arqueológica denominada de Clóvis.

A cultura Clóvis⁵ transformou-se em um marco cronológico para a ocupação do continente americano, tornando-se um paradigma fechado a ser superado com o avanço das pesquisas e a ocorrência de novos achados arqueológicos. Entretanto, mesmo com o advento de novos resultados, a descoberta de sítios tão ou mais antigos que os sítios Clóvis e em outras áreas que não a América do Norte⁶, bem como o considerável desenvolvimento de metodologias para a análise dos vestígios arqueológicos não foram suficientes para abalar a crença auto-referente do staff científico norte-americano.

Apesar de bem estabelecida no contexto arqueológico norte-americano, a cultura Clóvis, segundo a pesquisadora Anna Roosevelt (2000), sofreu resistência por parte de alguns antropólogos, principalmente no que concerne à teoria migratória desses povos. O principal argumento para tais críticas era a evidência de que “caçadores-coletores generalizados, com instrumentos menos sofisticados e um modo de subsistência baseado na coleta de plantas, na caça de animais menores

e na pesca, teriam se espalhado pelas Américas bem antes dos caçadores especializados em animais de grande porte” (ROOSEVELT, 2000: 31).

Com vistas a debater essa questão através de novos olhares, foi organizado na cidade de São Raimundo Nonato, Piauí, a Reunião Internacional sobre o Povoamento das Américas, no ano de 1993, cuja finalidade foi de “promover um encontro de pesquisadores para analisar as propostas explicativas sobre o povoamento dos continentes americanos a luz dos novos fatos que as pesquisas têm fornecido nas duas últimas décadas” (PESSIS, 1996: 5).

O cerne das discussões girou em torno da apresentação de sítios arqueológicos que forneceram evidências empíricas e datações que ultrapassaram as cronologias então estabelecidas para o povoamento do continente americano.

Segundo Pessis (1996), as comunicações abordaram os resultados das pesquisas realizadas no Boqueirão da Pedra Furada, situado no Parque Nacional Serra da Capivara-PI, que forneceram vestígios da presença humana datados em 48.000 anos antes do presente, como também os resultados das pesquisas em Monte Verde, Chile, cujo material arqueológico resultou numa antigüidade de 33.000 anos e Pendejo Cave, nos EUA, que apresenta vestígios arqueológicos bastante antigos.

Com relação às dificuldades em se aceitar novos dados acerca dessa problemática, Prous (1997) reconhece que as dificuldades em se verificar uma presença humana no Pleistoceno são de ordem climática, metodológica e até psicológica. Sendo que em áreas tropicais, a exemplo do Brasil, as condições climáticas vigentes dificultam a tarefa do arqueólogo, à medida que se considerarmos o litoral daquela época como uma rota privilegiada de difusão de populações humanas em razão das facilidades de transporte e da riqueza do ambiente em alimentos ao longo do ano. Estando agora submersos tais sítios, o acesso do arqueólogo torna-se difícil.

No que concerne aos dados arqueológicos aquele autor reconhece que as dificuldades em se encontrar sítios com idade pleistocênica se devem ao número de assentamentos, às condições de preservação dos artefatos e as dúvidas relacionadas à natureza dos vestígios encontrados, que podem ser atribuídos à ação humana ou a fenômenos naturais (PROUS, 1997).

OS SAMBAQUIS CERÂMICOS DO LITORAL SETENTRIONAL: UM PONTO DISCUTÍVEL NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

O pesquisador André Prous definiu etimologicamente que a “palavra sambaqui seria derivada de tamba (marisco) e Ki (amontoamento) em Tupi” (1992: 204), sendo tais sítios obra da atuação humana, caracterizados pela presença maciça de conchas, carapaças de moluscos, e, em menor número, de restos de peixes e outros animais associados a instrumentos líticos e ósseos, objetos cerâmicos e esqueletos humanos, estruturas de habitação e fogueiras, formando colinas que podem alcançar mais de trinta metros de altura em algumas partes do Brasil.

Mais recentemente, Blasis (2001: 22) conceituou os sambaquis como amontoados de conchas de diversos moluscos, cujo tamanho varia desde pequenos montículos de dois metros de altura e dez de comprimento, até verdadeiras montanhas de 500 metros de extensão e mais de 60 metros de altura.

Encontram-se em diversos pontos da costa, mas concentram-se principalmente em ambientes ricos e diversificados das enseadas, ilhas próximas da costa e das grandes lagunas em contato com o mar.

Os sambaquis brasileiros têm uma grande amplitude geográfica sendo apontados em quase todo o litoral e em algumas áreas fluviais. Existem registros desses assentamentos “pela faixa litorânea do Rio Grande do Sul até a Bahia e do Maranhão até o Litoral do Pará, incluindo o Baixo Amazonas” (GASPAR, 2000: 159).

Remontam ao período colonial, os primeiros relatos acerca da formação dos sambaquis e sua grande utilidade para a construção civil, como fonte de matéria-prima para a fabricação de cal (DUARTE, 1968). Entretanto, é somente nos primórdios do século XX que se observa na literatura uma preocupação em entender se o processo de formação de um sambaqui era fruto de fenômenos naturais ou da atuação humana.

Apesar de permanecer ponto discutível e de pouca visibilidade entre os jovens pesquisadores brasileiros, é reconhecida desde muito cedo a ocorrência de cerâmica com datas bastante recuadas para sambaquis localizados em áreas de floresta tropical da América do Sul, particularmente na região do Baixo Amazonas e no litoral setentrional do Brasil. Essa evidência tem sido apontada desde que estudiosos europeus e americanos percorreram e pesquisaram a Amazônia entre os séculos XIX e XX.

Anna Roosevelt, em seu artigo *Early pottery ceramic in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity* (1995), indica que pesquisadores, entre os anos de 1830 a 1945, descobriram evidências para diversas ocupações pré-cerâmicas e cerâmicas. De particular interesse naquele momento foram os grandes sambaquis amazônicos, que foram descritos como acampamentos de pesca do início do Holoceno, a partir de informações geológicas, biológicas e da evidência cultural.

As contribuições de autores como Charles Hartt, Orville Derby, Ferreira Pena, Nimuendaju, Ladislau Netto, Smith, Steere, Lopes, entre outros, foram de suma importância para se conhecer os povos que habitaram a Amazônia em tempos pré-coloniais a partir da cultura material coletada, e mais ainda pelo universo de informações daí advindas e pelos problemas para investigações legados para as gerações futuras.

Tais expedições resultaram em coleções de vasos, urnas funerárias, ferramentas e outros artefatos, bem como vasto material lingüístico e mitológico, e ainda uma profusão de anotações sobre cemitérios, inscrições em rochas, técnicas manufatureiras e rituais quotidianos que constituíam um enorme acervo, a exemplo do que Hartt e Derby levaram da Amazônia (FREITAS, 2002: 163).

Apesar disso, essas pesquisas foram desconsideradas e taxadas de pré-científicas por estudiosos pioneiros, como os arqueólogos, Betty Meggers e Clifford Evans do Smithsonian Institution, que iniciavam suas atividades na floresta tropical da América do Sul, em meados de 1950. (ROOSEVELT, 1995, p. 115).

Meggers e Evans dirigiram um grande projeto que influenciou a prática arqueológica no país até os dias atuais. Trata-se do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas- PRONAPA (1965-1970/71), sob os auspícios do Smithsonian Institution e com o apoio de organismos estatais do Brasil.

Sobre a metodologia do PRONAPA, ALVES (2002: 25) escreve:

...Teve por objetivo primordial mapear e estudar a pré-história brasileira, através da realização de prospecções sistemáticas (“Surveys”) em grandes áreas...para estabelecer as “Tradições”, “Subtradições” e as “Fases” das principais (e diversas) regiões ecológicas do Brasil...

Apesar da amplidão desse Programa, inicialmente, pouco se pesquisou nos sambaquis do Litoral Equatorial Amazônico, sendo que em 1966, investigadores ligados ao PRONAPA, idealizaram o projeto Salgado, cuja meta era estudar os sambaquis no litoral do Salgado, Pará ⁷.

A partir da correlação dos resultados do projeto Salgado com os dados arqueológicos mais recentes relacionados aos sambaquis, novas sendas de investigação foram descortinadas, a exemplo da provável diferenciação regional desses assentamentos, principalmente quando se observa os padrões de assentamentos e a cultura material dos sambaquis do litoral centro-sul e norte do país.

Alguns autores inclusive especulam sobre a presença de chefias nesses sítios e enfocam o elaborado ritual funerário como forte indício de complexidade e diferenciação social. Outros autores apontam que esses construtores “formavam um grupo étnico, no sentido de que se tratava de uma população, cujos membros se identificavam e eram identificados como tais...” (GASPAR, 2000:34).

Contrária a isso, T. A. Lima observa que essa aparentemente homogeneidade identificada por alguns pesquisadores deve ser repensada, pois, “não estamos diante de um único e homogêneo sistema sociocultural ao longo da costa centro-meridional brasileira, mas frente a diferentes sistemas...” (LIMA, 1999/2000: 316).

A tendência recente tenta estabelecer, com base no que se conhece a respeito dos sambaquis meridionais e setentrionais, uma suposta correlação entre todos os sítios no país (GASPAR 2000a; GASPAR e IMAZIO 2000). Entretanto, não busca compreender os aspectos regionais que caracterizariam os sambaquis do Litoral Equatorial Amazônico, a partir de escavações sistemáticas e da análise minuciosa do registro arqueológico. Essa assertiva é corroborada por Lima que julga existir muitos sambaquis ainda desconhecidos no país para poucas pesquisas realizadas, não cabendo, portanto, inferências tão homogeneizantes para um território tão extenso (LIMA, 1999/2000).

As divergências apontadas acima refletem principalmente a falta de estudos que possam fundamentar as construções teóricas dos pesquisadores acerca das populações pescadoras-coletoras-caçadoras dos sambaquis cerâmicos do litoral Norte. A grande quantidade de sítios nessa região, muitos desconhecidos entre os arqueólogos, podem oferecer importantes subsídios para compreensão do processo de ocupação e povoamento dessa porção do território brasileiro e das primeiras populações que habitaram o Litoral Equatorial Amazônico, necessitando, portanto, que novas sendas de investigação foquem seus objetivos para essa área, arqueologicamente desconhecida, mas potencialmente promissora.

A OCORRÊNCIA DE CERÂMICA ANTIGA EM ÁREAS DE FLORESTA TROPICAL DA AMÉRICA DO SUL: O EXEMPLO DOS SAMBAQUIS

Estudos revisionistas recentes, baseados em datações físico-químicas, apontam para uma desestruturação do modelo defendido por Betty Meggers de que inovação cultural e desenvolvimento não eram esperados na floresta tropical úmida. A hipótese que considerava os Andes o berço de inovações, como a agricultura e a cerâmica na América do Sul vem perdendo sustentação quando se verifica que as Terras Baixas tiveram prioridade cronológica sobre as áreas montanhosas no desenvolvimento da cerâmica e de ocupações sedentárias (ROOSEVELT, 1992).

O contexto dessa assertiva deve ser compreendido a partir da observação de como se deu o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na área de floresta tropical brasileira, pois como bem pontuou Eduardo Neves, uma grande parte da arqueologia feita na Amazônia permaneceu enraizada sob influências mono-causais ou possibilísticas e no determinismo, primeiramente apresentadas no *Handbook of South American Indians* (NEVES, 1998: 1), com uma forte influência da Ecologia Cultural norte americana e do determinismo ecológico (NEVES, 1999: 216), onde as linhas teóricas eram desenvolvidas no âmbito do neo-evolucionismo, com o uso de modelos explicativos para interpretar os vestígios arqueológicos (NEVES, 2001: 45), mas que, no entanto, vêm sofrendo um processo geral de revisão, historicamente orientado, da antropologia ecológica, também denominada de ecologia histórica (NEVES, 1999/2000: 87).

As ocupações mais antigas para a região Norte, localizadas ao longo da bacia amazônica, costa litorânea e áreas vizinhas estão questionando o entendimento sobre a ocupação do litoral brasileiro e a antigüidade da cerâmica produzida nas Américas. Entretanto, esses resultados devem ser avaliados sob a luz de estudos revisionistas recentes e na observação criteriosa e imparcial de novos dados empíricos acerca do processo de ocupação do continente americano e o estudo arqueológico da cerâmica antiga na América.

Neste sentido, outras leituras interpretativas para o registro arqueológico concernentes ao desenvolvimento cultural no seio da Amazônia vêm ganhando aceitação, quando novos pesquisadores começam a desmistificar os principais pilares da ecologia cultural e do determinismo ambiental⁸, a partir de escavações sistemáticas, com problemas de pesquisa bem orientados para comprovação ou refutação de hipóteses, fundamentados em construções cronológicas consistentes e no estabelecimento de um contexto espaço-temporal.

Dessa forma, como estatuiu Roosevelt (1991: 113) em seu artigo *Determinismo ecológico e desenvolvimento social indígena da Amazônia*, o que de fato se sabe até momento sobre a pré-história da Amazônia é uma longa e complexa seqüência de ocupação intensa, sem nenhum sinal de retardamento devido a limitações impostas pelo meio ambiente. As populações da região, longe de serem culturalmente atrasadas e de sempre terem recebido inovações vindas de fora, desenvolveram importantes inovações culturais que mais tarde se observariam pelo Novo Mundo.

Em artigo, *Revisión crítica de la arqueología suramericana*, Arenas e Obdiente, discorrendo sobre o processo de sedentarização na América do Sul, afirmam que a partir do 7º milênio a.C. iniciam-se atividades de apropriação e de produção incipiente de alimentos dentro de um modo de trabalho que envolvia o uso regular de recursos de diferentes ecossistemas e nichos ecológicos, inclusive com a integração recorrente de áreas costeiras e das terras do interior. Isso implicava a exploração de recursos abundantes, estáveis e de acesso relativamente fácil das regiões litorâneas associadas à captação de vegetais (1992: 39).

Além disso, trabalhos recentes em Ecologia histórica desenvolvidos por Balée e Smith, indicam que as sociedades indígenas não são vítimas passivas de supostas limitações ambientais, mas que, ao contrário, exerceram uma influência criativa e modificadora sobre o meio ambiente (NEVES, 1999/2000: 104).

Sendo assim, novas abordagens interpretativas, a exemplo das descritas acima, vêm liberando a arqueologia desse continente de um modelo explicativo por demais determinista, casuístico e evolucionista, que alcançou seu ápice após a publicação do *Handbook of South American Indians* (1946-50), organizado por Julian Steward, principal fonte de referência para os estudiosos das Terras Baixas tropicais, a exemplo de Evans e Meggers.

Uma revisão da literatura arqueológica recente, dos registros dos sítios e das datações radiocarbônicas mostra que por mais de 25 anos, o leste da América do Sul tem produzido as evidências mais numerosas e as cronologias mais consistentes para a ocorrência da cerâmica antiga do continente americano em diversos sítios arqueológicos.

Para Meggers (1997: 9), essa profusão de resultados tem implicações diretas com a ideologia que subsidia as pesquisas atuais, quando afirma que o pêndulo da teoria em antropologia tem mudado da aceitação dos princípios evolutivos, que atribuem as distribuições descontínuas de traços culturais livres das limitações adaptativas a antecedentes comuns, à aceitação dos princípios creacionistas, que atribuem tais similaridades a múltiplas invenções independentes.

Partindo desse pressuposto, Meggers (1997: 9) assevera que dependendo da perspectiva que adotem, os arqueólogos chegam a conclusões diferentes apesar de usar a mesma evidência. Esta situação tem provocado desacordos sobre a origem e a dispersão da cerâmica na América do Sul.

Em oposição às interpretações de Meggers, a pesquisadora Anna Roosevelt (1991: 113) afirmou que em tempos tardios da pré-história, sociedades complexas e densas, de origem local, desenvolveram-se em todas as áreas ricas em nutrientes que já foram estudadas por arqueólogos. Tais áreas suportaram, muito cedo, forrageio intensivo e por volta de 7200 a. P., no início do Holoceno, desenvolveram-se ali, as sociedades ceramistas mais antigas do Novo Mundo, baseadas em uma economia de coleta aquática intensiva, três mil anos antes da cerâmica aparecer no seio das civilizações do continente americano.

Entretanto, apesar desta autora apontar a ocorrência de cerâmica antiga em vários sítios da região, particularmente em sambaquis, inclusive com níveis datados em 3.500 anos a.C. (ROOSEVELT, 1992), poucos autores se debruçaram sobre esse tema e pouquíssimas pesquisas problematizaram acerca do aparecimento desse vestígio no registro arqueológico. Dados são encontrados em publicações de Brochado (1984), Correia Lima (1989), Machado et. al. (1991), Prous (1992), Martin (1996), Martin et. al. (2005), Neves (1999, 1999/2000, 2001), Lima (1999/2000), Gaspar (2000a, 2000b), Gaspar e Imazio (2000), Hilbert (1959), Hoopes (1994), Evans e Meggers (1960, 1978), Simões (1978 1981), Roosevelt (1991, 1992, 1995, 1997), Roosevelt et. at. (1991), Scatamacchia (1991), Williams (1997), Meggers (1979, 1997).

Das publicações acima descritas, a grande maioria trata de um tipo cerâmico que será objeto do próximo capítulo, a tradição ceramista denominada Mina, que teve em Mário Ferreira Simões o seu principal especialista. Mais antes disso, cabe pontuarmos que pesquisas pioneiras ocorridas entre 1830 a 1945 já haviam descoberto evidências para diversas ocupações em estágios pré-cerâmicos e cerâmicos bastante antigas. De particular interesse foram os grandes sambaquis cerâmicos amazônicos, que foram interpretados como campos de pescadores do início do Holoceno, com base em evidência geológica, biológica e cultural (ROOSEVELT, 1995: 115).

Essas pesquisas foram criticadas por Clifford Evans e Betty Meggers, que insistiam na premissa de que complexidade cultural não poderia ser esperada no interior da Amazônia. Assim, em sua história cultural, afirmavam que povos dos Andes levaram cerâmica e outras inovações culturais para o interior dessa região em tempos pré-históricos tardios. Essa visão desenvolveu-se antes da aplicação de datações radiocarbônicas para os estudos arqueológicos nessa porção do Brasil.

Contrariamente à própria premissa inicial de Meggers e Evans, escavações realizadas em meados de 1950, por esses mesmos estudiosos, em sambaquis da Guiana e Equador, forneceram indícios de uma manufatura bastante antiga para cerâmica nas Terras Baixas da América do Sul. Ambos, explicaram essa ocorrência antiga como advinda de pescadores navegantes do Japão, onde existia até o momento, a cerâmica mais antiga do mundo. Segundo essa hipótese, a cerâmica seria introduzida por populações conhecedoras da manipulação da argila que naufragaram no continente sul-americano. Ajudaram a fundamentar essa assertiva as similaridades dos tipos cerâmicos dos sambaquis com o tipo Jomom Médio daquele país.

Para outros sambaquis, Meggers e Evans explicavam a ocorrência de cerâmica antiga, como sendo intrusiva em sítios acampamentos de caçadores-coletores pré-históricos tardios vivendo ao lado de povos ceramistas mais avançados. Entretanto, desde 1960, a emergência de datas radiocarbônicas para a América do Sul tem revelado que vários sambaquis ao longo da costa e do estuário das terras tropicais do Equador e Colômbia, no noroeste desse continente, têm cerâmica começando no início do quarto milênio antes do presente.

O avultamento das pesquisas, inclusive com a descoberta de cerâmica antiga nos sambaquis do Pará, por membros da própria equipe daqueles pesquisadores e a consistência cronológica obtida pelos métodos de datações absolutas fizeram com que Meggers (1997: 13) reconsiderasse suas interpretações sobre a ocorrência de tipos cerâmicos antigos na América do Sul, para avaliar a disponibilidade de complexos cerâmicos, com datas iniciais antes de 2800 a.P.

Meggers (1997) destaca a ocorrência de tipos cerâmicos mais antigos na Costa do Equador – Valdivia, com cinquenta datações de c-14 para sete sítios, sem hiato cronológico, que vai de 5620 +ou-256 a 4300 +ou-100 a.P. ; na Costa Norte da Colômbia, composta por várias fases cerâmicas, com prioridade da San Jacinto, estabelecida por c-14 de um sítio tipo, que vai de 5940 + ou - 80 a 5665 + ou - 75 a. p.P., até 5090 + ou - 80 a. P., quando a San Jacinto é substituída por Puerto Hormiga.

Entretanto, o estabelecimento de um contexto arqueológico para a cerâmica em sambaquis se deu de forma complicada, inclusive com acusações de manipulação de dados arqueológicos, com a omissão de datas radiocarbônicas mais antigas e a quase ausência de publicações dos resultados (HOOPES, 1994; ROOSEVELT, 1995, 1997, WILLIAMS, 1997). Essa história se inicia em 1966, quando dois sambaquis parcialmente perturbados foram localizados nas imediações do rio Quatipuru, no Pará, pela equipe de Geologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. Constatados que os sítios eram passíveis de pesquisa arqueológica, um projeto para salvamento desses remanescentes foi submetido ao referido Museu e à Diretoria do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Esse projeto, primeiramente denominado de Salvamento (SIMÕES, 1970), tinha como objetivo escavar os sambaquis encontrados, bem como fazer o levantamento geográfico da ocorrência desses sítios cerâmicos e realizar prospecções dos sambaquis já destruídos, com vistas a estabelecer através da cerâmica e de outras evidências obtidas estratigraficamente e por colecionamento superficial, uma seqüência de desenvolvimento cultural e a distribuição aérea dos grupos sambaquieiros do litoral

paraense, para a partir daí, buscar associações com outros complexos similares, definir uma cronologia e compreender os padrões de subsistência dessas populações pré-históricas (SIMÕES, 1978, 1981).

Tal projeto ficou conhecido como Salgado (1981) e teve como coordenadores o próprio Mário Ferreira Simões e Conceição de Maria Gentil Corrêa. Já em 1968 a equipe de pesquisa já executava as metas estabelecidas, prosseguindo com as atividades de campo em sambaquis até 1973.

Através dos dados obtidos em 62 sítios arqueológicos, dos quais quarenta e três (43) eram sambaquis litorâneos, três (3) eram sambaquis de gastrópodes fluviais e dezesseis (16) eram sítios cerâmicos a céu aberto, Simões (1981) estabeleceu a fase ceramista Mina⁹, que posteriormente seria interpretada como uma Tradição Ceramista Regional, a partir das correlações com outros complexos cerâmicos, como a fase Alaka, Castália e Peripiri (SIMÕES, 1981).

Com base nisso, esse pesquisador criou cinco fases arqueológicas obtidas em sítios cerâmicos próximos da costa ou com supostas correlações culturais com a cerâmica Mina no Pará. Dessa forma Simões (1978) estabeleceu a fase Mina para alguns sambaquis cerâmicos, Uruá para os sambaquis com gastrópodes fluviais e Areião, Tucumã e Marudá para os sítios não sambaquis.

É nesse âmbito que a antigüidade da cerâmica nos sambaquis do litoral Norte brasileiro ficou evidenciada, através de datações em C14 que a situou entre 3.000 a 1.600 a. C. (SIMÕES, 1978, 1981). A partir desses resultados, Simões construiu uma seriação para classificar a cerâmica proveniente desses sítios objetivando ampliar o conhecimento sobre as populações ceramistas costeiras visando, como se segue:

Correlacionar os dados obtidos com aqueles disponíveis de complexos similares de Colômbia, Venezuela, Guiana, Maranhão e Bahia, a fim de testar a hipótese de uma ocupação e dispersão de povos ceramistas, adaptados aos recursos do mar, pelo litoral norte, nordeste e leste da América do Sul (SIMÕES, 1981:8).

O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DA TRADIÇÃO REGIONAL CERAMISTA MINA

A área de ocorrência dos sambaquis cerâmicos integra uma grande zona sedimentar sobreposta ao embasamento cristalino, que inclui a região costeira dos Estados do Amapá, Pará, Maranhão e Piauí. Caracteriza-se pela presença de seqüências de idade terciária e quaternária, sendo as próprias estruturas cristalinas pré-cambrianas, as áreas-fonte de grande parte dos sedimentos que para aí foram alocados. A outra parte resultou de deposição marinha, sobretudo, restos fósseis de organismos do antigo mar epicontinental de Pirabas, existente entre o Oligoceno e o Mioceno (Terciário). (ZEMA, 2004)

No Pará, essa região denomina-se Salgado, devido à área banhada por águas salgadas ou salobras que se estende da baía de Marajó até a foz do rio Gurupi e segue por todo litoral ocidental em direção ao Golfão maranhense. Essa região insere-se em termos morfo-estruturais e morfo-climáticos, no Litoral de Rias e reentrâncias Maranhenses. É uma costa de submersão, baixa e recortada, de características fluvio-estuarinas, sujeita a grande variação de marés (ZEMA, 2004).

A região é cortada por baías, enseadas e estuários com presença de ilhas aluvionais cobertas com floresta densa, floresta secundária e vegetação de mangue, destacando-se o mangue vermelho

(*Rhizophora mangle*), siriúba (*Avicennia nitida*) e tinteira (*Laguncularia racemosa*). A fauna da região é bastante rica em recursos marinhos como peixes, camarões, crustáceos e moluscos, ainda hoje, a principal fonte de subsistência dos moradores locais.

A cerâmica Mina, como já pontuado, foi estabelecida primeiramente a partir de um padrão similar de tipos cerâmicos encontrados em 43 sambaquis cerâmicos do litoral do Salgado no Pará, dos quais dois sítios, Porto da Mina (PA-SA-5) e Ponta das Pedras (PA-SA-6) foram escavados e forneceram os dados empíricos mais importantes para as elucubrações de Simões sobre essa cerâmica.

Ambos os sítios, denominados de sambaquis testemunhos (SIMÕES, 1978, 1981), assentam-se sobre terreno areno-argiloso com concreções lateríticas, sendo que o Porto da Mina apresentou em dois cortes estratigráficos nos flancos SW e SE, uma estratigrafia bem visível, com camadas praticamente horizontais e espessura variável que continham conchas, ossos de animais tenazes de crustáceos, fragmentos de cerâmicas, nódulos de laterita e de terra, separadas por camadas mais delgadas e compactas de valvas calcinadas de *Mytella* sp. e *Anomalocardia brasilliana* (SIMÕES, 1981: 10), enquanto que o sambaqui Ponta das Pedras forneceu uma estratigrafia similar, mas com diferenciações em relação à fauna malacológica.

Desde as primeiras campanhas do projeto Salgado ficou evidente a grande quantidade de fragmentos cerâmicos em relação a outros vestígios arqueológicos. Essa peculiaridade marcaria a feição das publicações acerca desses sítios arqueológicos, onde a ocorrência cerâmica e sua tipologia seria o objeto principal a ser trabalhado.

Simões caracterizou a cerâmica como utilitária, de manufatura acordelada, temperada com conchas moídas (Mina simples) e areia (Tijuco simples), cuja forma do vasilhame foi identificada como de tamanho pequeno, de formas arredondadas, base plana, bordas diretas inclinadas ou extrovertidas, com lábio plano ou arredondado. Para a construção dessa tipologia foram analisados e classificados 64.332 fragmentos cerâmicos, dos quais 38.428 foram das escavações estratigráficas e 28.904 de coletas superficiais e prospecções (SIMÕES, 1981: 13).

A decoração analisada resultou na definição de alguns padrões, com ênfase no banho vermelho (Mina vermelho), seguido por insignificante amostragem de escovado (Mina escovado), raspado (Mina raspado), roletes não-obliterados (Mina roletado), e inciso incipiente (Mina inciso), que forneceram dados para a seriação cerâmica com o tipo Mina simples com a maior popularidade no sítio (68%), seguido por Mina vermelho (27,1%) (SIMÕES, 1981).

Cerâmica intrusiva foi observada por Simões nos sambaquis paraenses, com destaque para 1.346 fragmentos temperados por cariapé e 138 com outros temperos que foram descritos como uma cerâmica posterior à extinção da cultura sambaquieira. Apesar de terem sido exumados três sepultamentos junto às bases de ambos os sambaquis (um no Porto da Mina e dois na Ponta das Pedras) não foi constatada pelo pesquisador, a ocorrência de cerâmica como acompanhamento funerário.

Os resultados mais surpreendentes do projeto Salgado não ficaram a cargo da grande quantidade de cerâmica encontrada, mas sim das datações absolutas obtidas para o início da produção cerâmica nesse tipo de assentamento pré-histórico no Brasil. Cronologias relativamente antigas já estavam sendo obtidas para assentamentos semelhantes em outras partes da América, mas para a época da publicação de seus dados na nota prévia Coletores- pescadores ceramistas do litoral do Salgado, a cerâmica Mina havia sido identificada como a mais antiga do Brasil e possivelmente das Américas (SIMÕES, 1981).

Cerâmica com produção bastante antiga já não era uma novidade no continente americano, o próprio Simões (1981:8) justificou suas datações antigas, contextualizando seus resultados com base na cronologia de outros complexos cerâmicos, como se observa abaixo:

Pesquisas arqueológicas efetuadas nos últimos 20 anos no Panamá (Willey & McGimsey, 1954), Equador (Meggers et. al., 1965), Colômbia (Reichel Dolmattof, 1955 e 1965), Venezuela (Rouse & Cruxent (1963), Guiana (Evans & Meggers, 1960) e Brasil (Calderón, 1964; Simões, 1973), vêm revelando a presença de sambaquis cerâmicos nas áreas costeiras do sul da América Central, noroeste, norte, nordeste e leste da América do Sul, com idades compreendidas, com raras exceções, entre os 6° e 3° milênios antes do presente.

As primeiras datações obtidas para os sambaquis do Pará foram submetidas em carvão retirados de contexto arqueológico, em estruturas de combustão (fogueiras) nos dois sambaquis testemunhos e encaminhadas ao laboratório Krieger-Massachusetts (EUA), que apresentou uma idade de 3.165 +ou- 195 a.C. (Gx 2.472) para o Porto da Mina e 1540 +ou- 195 a. C. (Gx 2474) para o Ponta das Pedras (SIMÕES, 1981: 17).

Em vista de uma datação bastante antiga para a ocorrência cerâmica nos sambaquis do Brasil e da desconfiança do staff arqueológico de que as amostras estivessem contaminadas, outras datações foram obtidas para o carvão, desta vez pelo laboratório de Geocronologia do Smithsonian Institution (EUA), sendo confirmadas as cronologias anteriores, como observadas no quadro abaixo extraído de Simões (1981):

Porta da Mina (PA-SA-5)-Corte 2

Quadra	Nível	Conteúdo analisado	Datação	Laboratório e nº da amostra
A	60-80	Tempero	2430+ou- 80 a.C.	SI-2544
A	120-140	Carvão	3195+ou- 195 a. C.	Gx- 2472
A	180-200	Tempero	3100 +ou- 85 a. C.	SI- 2546
A	280-300	Carvão	3095 +ou- 95 a. C.	SI- 1036

Ponta das Pedras (PA-SA-6)-Corte único

Quadra	Nível	Conteúdo analisado	Datação	Laboratório e nº da amostra
A	40-60	Carvão	2550+ou- 30 a. C.	SI-1030
A	60-80	Carvão	2140 +ou- 90 a. C.	SI- 1031
B	80-100	Carvão	1540 +ou- 30 a. C.	Gx- 2474

Esses resultados, apesar de terem sido pobremente divulgados surpreenderam a comunidade arqueológica brasileira, inclusive à equipe de pesquisa a qual Simões estava ligado, particularmente Evans e Meggers. A partir desses resultados, Simões caracterizou esses grupos humanos como populações sambaquieiras coletoras-pescadoras-ceramistas, produtoras de uma cerâmica antiga, de ampla distribuição areal e persistência temporal (SIMÕES, 1978, 1981), cuja subsistência baseava-se principalmente em recursos do mar, com uma economia típica de coletores e pescadores, não excluindo a possível coleta de frutos, sementes e raízes como suplemento alimentar.

De uma perspectiva temporal, a produção da cerâmica na costa paraense ficou situada entre o 4º e o 2º milênios antes de Cristo, o que favoreceu o reconhecimento de uma fase arqueológica, denominada Mina. As semelhanças nos padrões de assentamento, subsistência e características da cerâmica, levaram Simões a postular (1971, 1978) a existência de uma Tradição Regional Ceramista para uma faixa litorânea ainda maior, compreendendo outros países da América do Sul e Estados vizinhos do Pará, como o Maranhão e a distante Bahia.

A Tradição Regional Ceramista Mina englobou as fases cerâmicas dos sambaquis litorâneos paraenses, e Castália dos sambaquis fluviais do baixo Amazonas, relacionando-se ainda com a Fase Alaka da Guiana e com os sambaquis da Ilha de São Luís e do Recôncavo Baiano. Desta forma, essa tradição poderia representar “o segmento nordeste da ocupação do litoral sul-americano, entre os 6º e 4º milênios antes do presente, por grupos ceramistas adaptados aos recursos do mar” (SIMÕES, 1981:1).

Apesar da limitação dos dados arqueológicos em outros sítios caracterizados como Mina, Simões sugeriu que a origem dessa tradição ceramista poderia residir em qualquer parte do continente americano, excluindo as hipóteses de contato transatlântico ou invenção independente. Baseado no conceito de Formativo Colonial de James Ford (1969)¹⁰, ele inferiu que algumas semelhanças nas cerâmicas de sambaquis norte-americanos, com as de Puerto Hormiga (Colômbia), Valdívía e Machalilla (litoral do Equador) e a fase Alaka (litoral da Guiana) e a Tradição Regional Mina poderiam ter alguma correlação.

Neste sentido, esse arqueólogo afirmou que a Fase Alaka poderia representar um elo intermediário entre os tipos cerâmicos dos litorais colombiano e brasileiro, com a cerâmica Mina originando-se nas costas equatorianas e colombianas e difundindo-se posteriormente para o sul, até o litoral nordeste do Brasil (SIMÕES, 1981).

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS SOBRE A CERÂMICA MINA NA LITERATURA ARQUEOLÓGICA

Em sua tese de doutoramento, *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America* (1984), José Proenza Brochado utilizou os dados de Simões para construir seu modelo de difusão e dispersão de traços cerâmicos por várias partes do território brasileiro.

O leque de traços característicos diretos e indiretos da Tradição Regional Ceramista Mina, segundo Brochado (1984), expandiu-se e muitas tradições ceramistas subseqüentes terão seu foco de origem associado a esse tipo cerâmico. Um exemplo disso é a tentativa de Brochado (1984) em demonstrar que a tradição que ele denomina de Pedra do Caboclo é diretamente derivada de um foco de desenvolvimento cerâmico, de forma globular extremamente simples, localizado na desembocadura do sistema fluvial amazônico, provavelmente relacionada à Mina.

Na sua problemática de trabalho, Brochado se valeu das cronologias para a Amazônia, até então disponíveis, e construiu juntamente com seu orientador Donald Lathrap¹¹, uma hipótese de que todas as cerâmicas das Terras Baixas da América do Sul seriam oriundas de uma única tradição ceramista, extremamente simples. As datas iniciais anteriores a 3.000 a. C. para a Mina, postulam a existência de uma cerâmica ainda mais antiga e mais simples, em torno de 5.000 a.C., a ser localizada nos emaranhando cursos fluviais da América do Sul, provavelmente na Amazônia Central.

Contudo, a descrição de formas simples e de decoração incipiente para essa cerâmica antiga não corresponderam aos primeiros complexos cerâmicos estudados, visto que Brochado (1984: 306) afirma que essas cerâmicas são mais sofisticadas em sua construção e decoração do que nós deveríamos esperar para uma cerâmica simples. Mesmo porque dados recentes, como veremos mais adiante, atestam a localização de um complexo cerâmico mais antigo, não na Amazônia Central, mas sim no Baixo Amazonas.

Além disso, Brochado (1984: 92) tenta indicar que a cerâmica Periperi (Recôncavo Baiano), pouco descrita por Simões, é a mesma da tradição Mina, numa continuação mais tardia e que aparentemente moveu-se para o centro da costa brasileira. Acreditando nesse raciocínio, aquele pesquisador descreveu uma primeira vaga de difusão, através de intrusões de unidades de traços da cerâmica amazônica Mina para dentro do Nordeste, ao redor de 700-1.000 a.C., denominada por ele de Pedra do Caboclo.

Dessa forma, a cerâmica Pedra do Caboclo seria fruto da última fase da tradição Mina, que em adição às formas simples típicas dos vasos Mina, encontravam-se também grandes vasos com bordas reforçadas externamente, potes globulares com borda invertida fortemente e com boca apertada, como também grelhas e todos os vasos apresentando, em geral, base plana (BROCHADO, 1984: 92).

A existência da cerâmica Mina para Brochado (1984: 201) parecia indicar um tipo de adaptação marítima relacionada aos manguezais e tendo como atividade predominante a coleta de moluscos e frutos de palmeiras, que derivaram do mesmo tipo de adaptação encontrada até 4.000 a.C. próxima à foz do Amazonas e na Tradição Mina do Maranhão, que se difundiram pelas praias costeiras do nordeste em direção à Bahia. Entretanto, poucos sítios arqueológicos relacionados aos povos pertencentes a essa tradição cerâmica foram encontrados até o momento na área geográfica sugerida.

Maria Cristina Scatamachia, em seu artigo O aparecimento da cerâmica como indicador de mudança do padrão de subsistência (1991:33) avalia que a presença de cerâmica em sítios típicos de grupos pescadores-coletores, a exemplo dos sambaquis do litoral paraense e maranhense, pode indicar uma etapa transitória entre a coleta e a produção.

Seu argumento é de que como as mudanças no padrão de subsistência não se dão de forma brusca e nem linear, algumas etapas intermediárias experimentais devem ter acontecido, sendo que o modo de vidas das populações pescadoras-coletoras-ceramistas do Salgado poderia ter representado uma dessas etapas (SCATAMACHIA, 1991: 37).

Com base nessa assertiva, essa pesquisadora conclama que apesar de não possuímos muitas evidências arqueológicas para uma análise em maior profundidade entre a ocorrência de cerâmica em sambaquis do litoral setentrional brasileiro com outros complexos com datações aproximadas na América do Sul, correlações entre esses tipos deverão ser pensadas em conjunto, como parte de um processo de mudança. Pois a localização dos sítios com cerâmica Mina ao longo do litoral, onde os

recursos marinhos permitem assentamentos duradouros, podem ter favorecido uma longa permanência, com disponibilidade para observação, coleta e possível manipulação de espécies vegetais.

O modelo difusionista proposto por Simões e Brochado para dispersão da cerâmica pela costa da América do Sul, atualmente encontra-se em constante revisão, dada a emergência de novos dados empíricos, do refinamento das datações absolutas e da mudança de perspectiva na teoria e metodologia arqueológica.

Para John W. Hoopes, em seu artigo *Ford revisited: a critical review of the chronology and relationships of the earliest ceramic complexes in the New World, 6000-1500 B. C.* (1994: 1), os modelos difusionistas predizem que complexos cerâmicos antigos assemelham-se uns com os outros, num primeiro momento e depois divergem através dos tempos. Entretanto, análises comparativas revelam substancial variabilidade, mesmo nos períodos mais antigos. A heterogeneidade entre os complexos cerâmicos mais antigos indica vários lugares comuns para a evolução independente da produção cerâmica na América, inclusive, as Terras Baixas brasileiras.

As críticas de Hoopes estendem-se aos trabalhos de Meggers, Evans e Latrhap e conclamaram uma reavaliação das cronologias para cerâmica antiga no continente americano, devido à emergência de novos dados arqueológicos, a exemplo da datação de 6.000 anos antes de Cristo, para o sambaqui da Taperinha, no Baixo Amazonas. Neste sentido, esse autor sentencia que a origem da tecnologia cerâmica nas Américas tem isso uma longa fonte de debate, pois se a primeira vista essa tecnologia dispersou-se rápida e uniformemente, investigações mais acuradas têm demonstrado um processo variável, por um período de milhares de anos (HOOPES, 1994: 2).

Com relação ao modo de vida dessas populações ceramistas, Hoopes (1994:3) revelou que por toda a década de 1970, muitos sítios com cerâmica foram caracterizados como sambaquis, ajudando a criar a percepção de que a subsistência e o padrão de assentamento associados a esses complexos eram relativamente homogêneos.

Entretanto, o que tem emergido, nos últimos 25 anos de pesquisas em sociedades produtoras de cerâmica antiga é um quadro de enorme variabilidade cultural. Sendo que o crescimento de informações detalhadas em seqüências regionais específicas, a criação de modelos para relacionar estilos cerâmicos e identidades locais, práticas culturais e trajetórias históricas específicas têm eclipsado as hipóteses que buscam explicar como padrões culturais se difundiram para fora de um centro comum, fazendo com que o valor de modelos explanatórios amplos decline significativamente (HOOPES, 1994: 4).

Especificamente para a Tradição regional Ceramista Mina, Hoopes (1994: 13) afirma que doze datas (12) foram obtidas para carvão e conchas associadas à cerâmica, entretanto, erros e exclusões foram corrigidas por ele, usando os registros originais dos Arquivos do Smithsonian Institution (Accesion No. 87-035, Smithsonian Environmental Research Center, Radiocarbon Dating Laboratory Records, ca. 1968-1986, box 9). Dessa forma, os dados cronológicos omitidos indicariam que a cerâmica Mina no Pará seria mais antiga que as datas divulgadas por Simões.

Roosevelt (1995) vai além e afirma que treze (13)¹¹ datações radiocarbônicas foram administradas em carvão ou conchas associados à cerâmica e em conchas que temperaram os fragmentos cerâmicos de três sítios Mina: Ponta das Pedras, Porto da Mina e Sambaqui de Urua, que forneceram uma cronologia em torno de 5.570 até 3.490 anos antes do presente, com as datas mais antigas vindo dos níveis mais baixos, algo em torno de 200-300 cm de profundidade.

A surpreendente antiguidade da cronologia para esse tipo cerâmico fica evidente, quando Roosevelt (1995: 118) reproduz um documento onde Evans escreve em 1970 que esse e vários outros sambaquis são muito importantes para datar a cerâmica e esclarecer a ocorrência desse vestígio antigo nos sambaquis do Norte e perceber se cada sítio foi ocupado ao mesmo tempo ou se eles se moveram de sambaqui para sambaqui, com uma população pouco numerosa.

Contudo, somente sete das treze datas foram publicadas por Simões em 1981. As outras seis, incluindo a mais antiga e estratigraficamente uma das mais profundas, SI 1034, feita em carvão e que resultou em uma idade em torno de 5570 a.P. foi mantida fora da publicação. Somando-se a cronologia mais antiga aceita por Simões (1978, 1981), as omissões envelheceram a cerâmica Mina em quinhentos anos em relação a qualquer outra da Colômbia e mil anos mais velha que as datas equatorianas, sendo naquele momento, a cerâmica mais antiga nas Américas.

Além disso, Roosevelt denuncia que a literatura secundária refere-se incorretamente a essa cerâmica antiga como exclusivamente temperada com concha, mas alguns fragmentos também apresentaram tempero com areia em todos os níveis (1995: 116).

Simões argüiu, como demonstramos, que a cerâmica Mina havia sido introduzida no Brasil por migrantes da Colômbia e Equador, usando virtualmente as mesmas palavras que Meggers e Evans (1978) utilizaram para explicar a ocorrência desse tipo cerâmico em um artigo de pesquisa três anos antes. Somente abandonando as datas brasileiras mais antigas, como fez Simões (1981), que as datas equatorianas poderiam ser validadas e o argumento de uma difusão da cerâmica da Guiana e Equador para o seio da floresta tropical justificado (ROOSEVELT, 1995: 119).

Os principais argumentos para negar a antigüidade de complexos cerâmicos antigos nas Terras Baixas da Floresta Tropical, como a contaminação das amostras datadas, a bioturbação ou superposição de camadas pré-cerâmicas com camadas cerâmicas mais tardias, foram reduzidos ao máximo, pois a possibilidade de uma cerâmica tardia ter sido misturada em camadas de horizontes culturais distintos não seria mais viável, pois as conchas usadas como antiplástico dos fragmentos também forneceram datas antigas.

A cultura ceramista Mina não foi a única datada radiocarbonicamente naquele período. Os sambaquis da fase Alaka, ao longo da costa da Guiana, produziram cerâmica plana, temperada com areia e conchas e de formas simples, também muito antiga. A cerâmica da fase Alaka não foi datada até 1980, quando o Smithsonian submeteu um mostra do sambaqui de Barambina, que foi reescavado por Dennis Williams em 1980.

Essas primeiras datações forneceram uma cronologia de 5.965 e 4.115 antes do presente, superando em cerca de 400 anos a idade mais antiga da fase Mina. No entanto, existem controvérsias, pois de acordo com Dennis Williams (1997) os materiais datados vieram de camadas que continham fragmentos planos da cerâmica Alaka temperados com areia.

Dessa forma, essas datas são consideradas como de um período pré-cerâmico. Para Williams, com exceção do depósito Hosororo Creek, nenhum dos 14 sambaquis escavados no litoral ocidental da Guiana poderiam ser considerados como sambaquis cerâmicos, mas sim pré-cerâmicos, sendo a cultura Alaka uma fase eminentemente caçadora-coletora (1997: 348).

Entretanto, o mesmo reconhece que as características da cerâmica do sambaqui do período arcaico recente, Hosororo Creek (que não partilhava as características da fase Alaka), inequivocamente atesta uma filiação com a fase arcaica Mina, na foz do Amazonas, onde cerâmica idêntica já estava sendo feita em torno de 3000 a. P. Williams assume que do sul para o Norte, em tempo gradual, a relação entre esses tipos cerâmicos é sugerida com base nas similaridades dos dados tecnológicos e tipológicos de Hosororo Creek, negando qualquer tipo de correlação da fase Mina com os sambaquis da fase Alaka (WILLIAMS, 1997: 349).

Anna Roosevelt contradiz o argumento de Williams, afirmando que desde o início das datações radiocarbônicas, a Amazônia tem tido as seqüências cronológicas mais seguras e bem datadas e um número maior de sambaquis pesquisados e datados que o noroeste da América do Sul, a região usualmente creditada com a de ocorrência cerâmica mais antiga das Américas (ROOSEVELT, 1997: 353).

As evidências arqueológicas atuais para as fases Alaka e Mina indicam que a costa e os estuários do leste da América do Sul e a foz do Amazonas tinham culturas pescadoras ceramistas antigas, da mesma forma que o noroeste da América do Sul. Como mencionou Roosevelt (1995: 120), muitos arqueólogos não estão conscientes dessa assertiva, bem como das características da cerâmica, do tipo de assentamento dessas fases e, principalmente de suas datas radiocarbônicas.

Isso é devido, segundo Roosevelt (1995, 1997), a vários fatores, como barreiras lingüísticas, pouca circulação da bibliografia e a falta de clareza e de coerência na apresentação desses complexos cerâmicos por aqueles pesquisadores familiarizados com os sítios. Por exemplo, a maioria das datações mais antigas não foram publicadas, especialmente aquelas que seriam mais antigas que as da Colômbia e Equador. Ambas foram consideradas como pré-cerâmicas. As omissões confundiram as comparações entre estilos cerâmicos antigos e obscureceram o fato de que os sítios cerâmicos amazônicos foram mais abundantes e mais antigos que no noroeste na América do Sul (ROOSEVELT, 1995: 120).

Esses novos achados não devem ser vistos com estranheza, pois segundo Roosevelt (1997: 363), não existe intervalo temporal entre os sambaquis cerâmicos do noroeste da América do Sul, com datas entre 6000 e 3000 anos a.P., e os sambaquis cerâmicos do Baixo Amazonas, com datas entre 7500 e 4000 a. P.

Neste sentido, a autora assevera que futuras pesquisas em cerâmica antiga na América do Sul necessitam lidar com seqüências estratigráficas incompletas, escavações até o solo estéril dos sítios e para resolver a questão da ausência de cronologias seguras e completas, trabalhar com datações mais precisas de um amplo espectro de materiais, a partir de programas radiométricos (ROOSEVELT, 1995: 121).

Nessa mesma linha, Neves (1999: 22) afirma que as hipóteses recentes sobre a emergência de cerâmica nas Américas tendem a indicar origens múltiplas, mais que a difusão de um único centro. Essa mudança de perspectiva na cronologia mostra que não é mais possível focar a Amazônia como uma área periférica no contexto da arqueologia pré-colonial da América do Sul.

Roosevelt utilizou-se dessa assertiva para descortinar espaço na comunidade científica e divulgou os resultados de suas pesquisas com cerâmica antiga, nos sítios arqueológicos de Taperinha (Santarém-PA) e Pedra Pintada (Monte Alegre-PA) que têm resultado na descoberta da cerâmica mais antiga das Américas¹³. A cerâmica do primeiro sítio foi descrita como de raros fragmentos avermelhados com

tempero de saibro, cujas formas resumem-se em cuias abertas, de base arredondada e bordas cônicas, arredondas e quadradas, e cerca de 3% da cerâmica apresentou incisões curvilíneas e retilíneas nas bordas (ROOSEVELT, 1992: 63).

No sítio Pedra Pintada, a cerâmica temperada com terra é similar aos fragmentos de Taperinha, em sua forma hemisférica ou tecomate e decoração incisa e ponteadada, mas com uma decoração ampla e profunda, aparentemente feita com um grande instrumento para incisão e raras bordas carregadas e uma faixa horizontal vermelha e espessa exteriormente (ROOSEVELT, 1995: 127).

O grande destaque da pesquisa de Roosevelt são as datas extremamente antigas, que colocaram a cerâmica encontrada nesses sítios como as mais antigas das Américas até o momento. Entretanto, Meggers (1997: 12) classifica a cerâmica de Taperinha como um complexo problemático, afirmando que as imagens fotográficas dos fragmentos cerâmicos publicadas em 1995 eram substancialmente diferentes dos desenhos apresentados na mesma obra por Roosevelt. Além disso, Meggers aponta algumas falhas no perfil arqueológico, onde algumas datas não correspondiam às camadas indicadas.

A respeito disso, Hoopes observa que (1994:6), dada à variedade do material datado e as técnicas empregadas, as datas obtidas por Roosevelt (Taperinha) são surpreendentemente consistentes. Entretanto, enquanto as escavações de Taperinha não forem totalmente publicadas, existirão vários temas a se considerar na avaliação desses resultados.

INFORMAÇÕES SOBRE AS CAMPANHAS ARQUEOLÓGICAS DE MÁRIO FERREIRA SIMÕES NA ILHA DE SÃO LUÍS

A proposta de Simões em estender suas atividades de campo até o Maranhão se justificava pela semelhança ambiental do litoral do Salgado, no Pará com a zona de desembocadura de rios em São Luís, no intuito de se obter dados cronológicos e culturais entre a cerâmica da Fase Mina e Peripiri com os exemplares coletados em sambaquis deste Estado (MACHADO et. al., 1991).

Além disso, Simões objetivava entender a ocorrência cerâmica nos sambaquis do litoral norte da América do Sul e testar hipóteses de uma dispersão e ocupação pré-histórica do litoral norte e leste da América do Sul por grupos ceramistas adaptados aos recursos marítimos (Relatório Sucinto das Atividades Científicas de Mário F. Simões Realizadas no 1º Semestre de 1975, 1975a)

Com o Projeto São Luís foram inspecionados oito sambaquis. Em apenas dois sítios, Maiobinha e Guaíba, foi possível efetuar cortes estratigráficos para determinação do período cerâmico e coleta de amostras datáveis. No sambaqui da Maiobinha foram exumados dois sepultamentos. O carvão extraído junto aos esqueletos revelou duas datações por C14, com uma idade aproximada entre 2.526 a 2.686 anos a.P. (CORREIA LIMA, 1989). Gaspar e Imazio (2000), reproduzindo um quadro de datações para o sambaqui da Maiobinha, com base em Simões (S. D) e Machado et. al. (1991), situa essas datações entre 2090 a 1245 a. P.

Apesar da importância desses resultados, a falta de pesquisas arqueológicas na região impossibilita explicações mais sistemáticas sobre a formação dos sambaquis do litoral Norte, bem como sobre o sistema sociocultural de suas populações, sendo a ocorrência cerâmica no registro arqueológico desses sítios a única informação repetidamente apontada.

Como já demonstrado anteriormente, antes de localizar e escavar alguns assentamentos de pescadores-coletores na capital maranhense, o pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi Mário Ferreira Simões já desenvolvia pesquisas nos sambaquis do litoral do Salgado, no Pará. É nesse bojo que as primeiras pesquisas arqueológicas acadêmicas se desenvolveram nos sambaquis do Maranhão, sendo que o contexto da realização desses trabalhos deve ser compreendido como um projeto arqueológico maior para a região Norte do país, desenvolvido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi.

Mário Simões realizou com o patrocínio do Museu Paraense Emílio Goeldi e o apoio do IPHAN, o Projeto São Luís, cuja meta era correlacionar e comparar os sambaquis residuais da Ilha de São Luís com os do litoral leste brasileiro e litoral paraense. (Relatório semestral de atividades do Pesquisador Mário Ferreira Simões, 1975b). Além disso, Simões considerava que prospecções e escavações em sambaquis residuais desse Estado, a exemplo do ocorrido no Projeto Salgado, poderiam oferecer subsídios para a correlação cultural e cronológica entre tradições arqueológicas ceramistas

Dos oito sambaquis localizados, “apenas dois (Maiobinha e Guaíba) não haviam sido destruídos. Ambos foram escavados estratigraficamente, enquanto os demais, com apenas delgada camada residual foram prospectados (levantamento topográfico e coleta de amostragem superficial)” (Plano de Pesquisas de Mário Ferreira Simões para 1975, 1975c).

Passados quase 35 anos do Projeto São Luís, a análise do material arqueológico coletado nesses assentamentos, cerca de uma tonelada, segundo o Relatório Semestral de Atividades do Pesquisador-Chefe Mário Ferreira para o segundo semestre de 1971 (1971) não está concluída e as poucas referências que dispomos sobre a campanha de campo no Maranhão foram obtidas através da documentação administrativa do Arquivo Guilherme de La Penha do Museu Paraense Emílio Goeldi e das fichas de campo de Simões.

Dentre as atividades desenvolvidas para o estudo do material arqueológico proveniente das pesquisas na Ilha de São Luís, observou-se no Plano de Pesquisas de Mário Ferreira Simões para o ano de 1975, (1975c) “a análise e classificação do material coletado na escavação do sítio-sambaqui MA-SL-4: Maiobinha e tentativa de seriação; análise e classificação do material de superfície coletados nos sambaquis residuais MA-SL-5 e MA-SL-11 e análises comparativas dessas evidências com aquelas da fase Mina”.

Sobre as metas pretendidas para o Projeto São Luís, o referido autor pretende reconhecer e comparar o material coletado nos sambaquis, especialmente o MA-SL-4: Maiobinha, elaborar a seriação da cerâmica, enviar amostras de carvão (fogueiras) para análises por C-14 e publicar um trabalho preliminar (Plano de Pesquisas de Mário Ferreira Simões para o ano de 1975, 1975c).

Com relação à fauna malacológica dos sambaquis da Ilha de São Luís, Simões (1975a) afirma que “com exceção do sambaqui da Maiobinha, todos os demais são compostos por *Anomalocardia brasiliana* (predomínio), seguindo-se em importância *Crassostrea arborea*, *Turbinella Laevigata*, *Thais* sp. e *Chione pectorina*” (Relatório de Pesquisas de Mário Ferreira Simões para 1975, 1975 d).

Descrição mais pormenorizada foi encontrada sobre o sambaqui da Maiobinha, onde Simões realizou escavação estratigráfica que permitiu observar a presença de material arqueológico até 1,95m de profundidade, assentado sobre sedimentos amarelos (Grupo Barreiras). Como observado no Plano de Pesquisa de Mário Ferreira Simões para o ano de 1975, (1975c), o sambaqui da Maiobinha apresenta:

Fauna malacológica composta por *Chione pectorina*, inúmeros fragmentos de cerâmica, conchas, nódulos de laterita, vértebras de peixes e ossos de animais. Encontrados ainda dois sepultamentos: um adulto em posição fletida e decúbito dorsal, com inúmeras contas de possível colar; outro ligeiramente ao lado e abaixo do primeiro, de uma criança, muito mal conservado.

Em um outro documento, o Relatório Sucinto das Atividades Científicas Realizadas no 1º Semestre de 1975 (1975a), Simões discorre sobre a análise micro e macroscópica e classificação tipológica de 14.300 fragmentos de cerâmica, acrescidos de outras evidências, provenientes do sambaqui da Maiobinha:

Constatou-se ter sido o sambaqui construído e habitado por um grupo perfeitamente adaptado ao ambiente marinho litorâneo com subsistência básica apoiada na coleta de moluscos e peixes, e portadores de nível cultural de padrão formativo, comprovado pela presença de vários traços diagnósticos tipicamente formativo em sua cerâmica.

Ainda que não tenhamos realizado a análise dos demais sambaquis pesquisados, essas inferências permitem concluir, preliminarmente, numa dispersão no sentido Norte-Leste de grupos ceramistas adaptados ao ambiente litorâneo, desde a Colômbia (Puerto Hormiga), passando pela Guiana (Fase Alaka), Leste do Pará (Fase Mina), Maranhão até o Recôncavo Baiano (Fase Periperi). Parecem corroborar nessa assertiva as datações por C-14 já obtidas: Puerto Hormiga – 3000 a. C.; Fase Mina – 2800 a 1600 a. C.; Fase Periperi – 1000 a 800 a. C.

Com relação aos demais sambaquis localizados e pesquisados por Simões e equipe no Projeto São Luís, observou-se em um documento de autoria desse autor, Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Arqueologia da Amazônia (1975e) que os outros assentamentos por “sua semelhança com os da fase Mina, são provavelmente mais antigos. Alguns desses sambaquis contêm fragmentos cerâmicos temperados com areia e outros com cariapé, distintos daqueles dos sambaquis”.

Apesar das poucas referências relacionadas aos outros sete sambaquis pesquisados por Simões, a transcrição dos diários de campo desse pesquisador, permitiu sabermos sobre as atividades arqueológicas realizadas em campo e, principalmente, pelo fato de servir de fonte documental para conhecer o estado de conservação desses sítios no momento de sua localização. Atualmente, segundo Machado et. al. (1991) o projeto de pesquisa sobre sambaquis da Ilha de São Luís está sendo retomado por Ana Lúcia Machado, Conceição G. Corrêa e Daniel F. Lopes do Museu Paraense Emílio Goeldi para prosseguimento dos trabalhos de laboratório e publicação dos resultados.

O projeto de pesquisa O sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhão: um estudo sobre a ocorrência cerâmica no registro arqueológico

O projeto de pesquisa O sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhão: um estudo sobre a ocorrência cerâmica no registro arqueológico tem como cerne o estudo de populações pescadoras—

coletoras-caçadoras-ceramistas pré-históricas que habitaram o sambaqui do Bacanga, no município de São Luís, com ênfase na interpretação das estruturas arqueológicas e na análise tecnotipológica da cerâmica e o seu uso social, com vistas a caracterizar o perfil sócio-cultural dos grupos humanos que habitaram esse sítio (BANDEIRA, 2005).

Com relação à situação geográfica, o sambaqui do Bacanga está localizado dentro dos limites do Parque Estadual do Bacanga, inserido na região norte do Estado do Maranhão, ocupando a área centro-oeste da Ilha de São Luís e parte da zona central do município de São Luís. Pertence a uma área próxima ao Equador, cuja linha dista apenas 02° 18' e abrange parte da área ao sul do núcleo central da sede do município de São Luís. As coordenadas geográficas do sambaqui do Bacanga são S 02°34'41.8" W 044°16'50.4"

Por localizar-se em uma unidade de conservação ambiental (Decreto N°: 7.545/1980), o grau de integridade do sítio está em torno de 75%, ou seja, um bom estado de conservação, mas com risco de destruição devido à construção de moradias em seu entorno, extração de madeira e sedimentos, cultivo, uso de caieiras e vandalismo. Dentre as atividades arqueológicas efetuadas no sítio, localizamos três poços-testes de 1mx1m praticados pelo professor Correia Lima na década de 1980 e recentemente, efetuaram-se coletas superficiais para delimitação da área para cadastro e escavações arqueológicas.

A ausência de dados arqueológicos seguros para a área de pesquisa e as hipóteses iniciais sobre a ocorrência cerâmica em níveis profundos foram questões centrais na escolha da metodologia de coleta de documentação empírica. Após um minucioso levantamento topográfico que forneceu a extensão e a altimetria do sítio, optamos por realizar quatro frentes de escavação em áreas de cotas variadas. Tais áreas foram denominadas de área de escavação 1, trincheira exploratória, Perfil 1 e perfil 2.

Para fins dessa comunicação centraremos o eixo de análise no Perfil 1, pelo fato do mesmo ter fornecido o contexto arqueológico de referência para as demais áreas escavadas no sambaqui do Bacanga. Dessa forma, optou-se por uma limpeza do perímetro, com posterior coleta superficial. Partiu-se então para obtenção de contextos arqueológicos para a ocorrência cerâmica em níveis profundos, a partir de decapagens que seguiram a topografia natural do solo e que foram numeradas de forma ordinal. Importante destacar que todos os vestígios evidenciados permaneceram in loco, para plotagem em mapas com sua localização tridimensional e documentação fotográfica.

A partir desse procedimento registrou-se a existência de 15 camadas de refugos arqueológicos, com mais três camadas estéreis de solo vermelho-alaranjado, provavelmente de Formação Barreiras, que foram consideradas como a base do sambaqui. Em todas as camadas férteis foi registrada a ocorrência de numerosos fragmentos cerâmicos, associados a outros vestígios arqueológicos, inclusive na mais antiga, com cerca de 1, 50m de profundidade.

Com base no conhecimento arqueológico atual sobre o sambaqui do Bacanga, a partir da primeira campanha arqueológica, ocorrida entres os meses de junho e julho de 2006 e da análise preliminar dos vestígios arqueológicos evidenciados, pode-se afirmar que a ocorrência cerâmica está associada, principalmente, ao contexto de preparo e consumo de alimentos, a julgar pelas cerca de doze estruturas de combustão ou fogueiras decapadas, onde a cerâmica não apenas estava associada aos restos alimentares, como também compunha as estruturas de rocha laterítica que circundavam os restos alimentares calcinados e de grande quantidade de carvão.

Até o momento, supõe-se que o emprego social da cerâmica está pautado no seu uso utilitário e doméstico, já que na primeira campanha não se obteve contextos arqueológicos em que a cerâmica pudesse atuar como um elemento simbólico. Apesar da evidenciação de alguns fragmentos cerâmicos perfurados e outros claramente empregados como instrumentos de confecção da própria cerâmica, preferiu-se aguardar a conclusão das análises tecno-tipológicas (BANDEIRA, 2006a, 2006b).

Em todo caso, os estudos no sambaqui do Bacanga já permitiram rever algumas questões, outrora tabus na arqueologia brasileira, a exemplo de que cerâmica em sambaquis litorâneos só ocorreria nas camadas superficiais, pertencendo, portanto a períodos mais recentes e com filiação cultural associada a outras populações pré-históricas que não os sambaqueiros. Além disso, as escavações nesse sambaqui favoreceram o estabelecimento de um contexto arqueológico inédito para o litoral maranhense, permitindo, a partir da produção de conhecimento, reinserir os sambaquis do Litoral Equatorial Amazônico na pauta mais recente da arqueologia brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos embates já descritos sobre a antigüidade cerâmica na América do Sul, e em especial a da Tradição Regional Mina, o estado d'arte da arqueologia dos sambaquis cerâmicos do litoral setentrional brasileiro já nos permite inferir sobre uma série de questões que poderão subsidiar novas pesquisas que venham a se descortinar na região. Já se pode afirmar que esses sítios foram provavelmente construídos e habitados por grupos perfeitamente adaptados ao ambiente marinho litorâneo, com subsistência básica apoiada na coleta de moluscos e peixes, e portadores de nível cultural ceramista, com a alternativa de coleta de recursos vegetais e com provável cultivo incipiente ou manejo de algumas espécies.

Ainda que não tenhamos dados mais precisos sobre a análise da maioria dos sambaquis pesquisados, essas inferências permitem pensar, preliminarmente, sobre a existência de grupos ceramistas antigos no Norte e no Leste do continente sul-americano, adaptados ao ambiente litorâneo, desde a Colômbia (Puerto Hormiga), passando pela Guiana (Fase Alaka), Leste do Pará (Fase Mina), Maranhão até o Recôncavo Baiano (Fase Periperi), que provavelmente partilhavam traços culturais comuns, a exemplo da semelhança da produção cerâmica e do padrão de subsistência e assentamentos.

Os dados cronológicos obtidos até o momento, indicam uma antigüidade considerável para a produção da cerâmica no Brasil, como evidenciado nas datações por C-14 e termoluminescência, a exemplo dos complexos Puerto Hormiga, Valdívía, Machalilla, Taperinha, Pedra Pintada, Tradição Regional Mina e Fase Peripiri, com ampla dispersão temporal e espacial, estendendo-se desde o Litoral da Guiana, passando pelo Baixo Amazonas, litoral nordeste do Pará até o Maranhão, com possíveis correlações com os sambaquis da Costa Norte e Noroeste da América do Sul (Colômbia e Venezuela) e do Litoral da Bahia (sambaqui da Pedra Oca) (SIMÕES & COSTA, 1978; SIMÕES, 1981).

Esse modelo de difusão da cerâmica por uma grande porção da América do sul atualmente está sendo revisto e novas pesquisas começam a questionar esses dados tradicionais. Excetuando as discordâncias de ordem cronológica e os embates dos pesquisadores trabalhados, o estabelecimento de um horizonte ceramista bastante antigo para o interior da Floresta Tropical da América do Sul, a exemplo das pesquisas de Anna Roosevelt no sambaqui da Taperinha, no Baixo Amazonas, tem sido

importante para criticar o modelo de migração de povos de cultura mais complexa, oriundos das Terras Altas e a difusão de seus elementos culturais e materiais para o seio da Amazônia.

Neste sentido, a partir do debate aqui exposto e que foi construído com base nas poucas evidências até agora disponíveis para compreensão da ocupação da costa Norte e Leste da América do Sul por populações ceramistas antigas, percebe-se que as bases empíricas utilizadas são frágeis e não suportam algumas das hipóteses levantadas, a exemplo da cerâmica Mina que percorre praticamente toda a faixa litorânea setentrional da América do Sul, indo em direção ao restante da faixa costeira nordestina.

A inexistência de pesquisas pontuais até o momento, inviabiliza propostas mais concretas para a origem dessa tradição. A ocorrência de tipos semelhantes ou não no amplo território demonstrado, não nos permite pensar em uma fase ou tradição cerâmica única e de grande amplitude regional e temporal, pura e simplesmente pela escavação pontual de dois sítios testemunhos pesquisados por Simões. Sendo que na grande maioria dos 43 sambaquis visitados no Pará e 8 no Maranhão, se realizaram mais coletas ou sondagens, que escavações. Além disso, as bases teóricas de tais assertivas não são claras e a documentação do universo empírico trabalhado está dispersa e nunca foi sistematizada.

Um outro ponto problemático e de particular interesse para esse pesquisador é que a grande parte do material coletado nas campanhas de campo na Ilha de São Luís não foi estudado, o que inviabiliza ainda mais o reconhecimento dos elementos que caracterizariam essa fase ou tradição regional cerâmica. Os dados da maioria dos autores aqui trabalhados são inconclusos e entendemos que somente um estudo aprofundado do universo empírico vai possibilitar compreender o contexto da ocorrência cerâmica e responder as demais questões levantadas.

Além do mais, a associação de traços diagnósticos para cerâmica, como aqui apresentado, além do padrão de subsistência, as formas do assentamento e a ocorrência de determinado tipo de fauna malacológica pouco nos informaram sobre o *modus vivendis* das populações ocupantes desses sítios. Por exemplo, a partilha de traços diagnósticos comuns da cerâmica e o estabelecimento de poucos atributos para diagnosticar esse tipo cerâmico, casado com as poucas informações sobre os sítios arqueológicos dificultam raciocinarmos sobre a questão de que esses grupos de pescadores-coletores-ceramistas dessa região brasileira partilham ou não de uma identidade étnica com as demais populações sambaquieiras do Brasil. Aspecto que ainda é pungente na produção arqueológica brasileira.

A arqueologia dos sambaquis cerâmicos do litoral setentrional do Brasil carece de mais elementos para fundamentar as hipóteses acerca da ocupação humana dessa porção do continente e a sua correlação com a ocorrência de cerâmica antiga no registro arqueológico. Entendemos que somente pesquisas pontuais e com contexto arqueológico melhor definido pode brindar informações mais seguras sobre a ocorrência de cerâmica em assentamentos dessas populações pescadoras-coletores-coletores do Litoral Equatorial Amazônico. Para tanto, insere-se o projeto O sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhão: um estudo sobre a ocorrência cerâmica no registro arqueológico, que tem como objetivo problematizar justamente sobre o tema em questão.

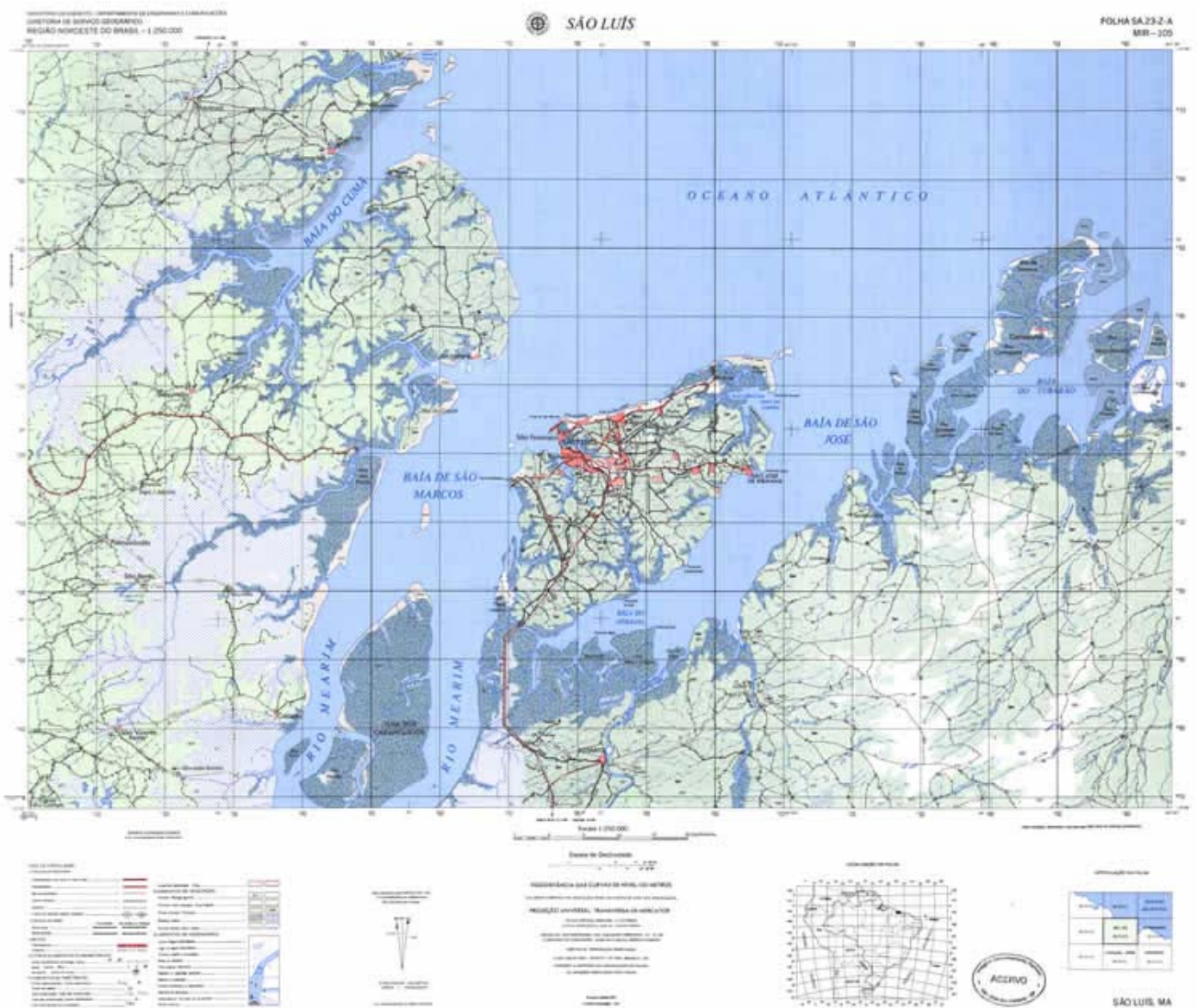


Figura 1- Mapa da Ilha de São Luís-Maranhão.

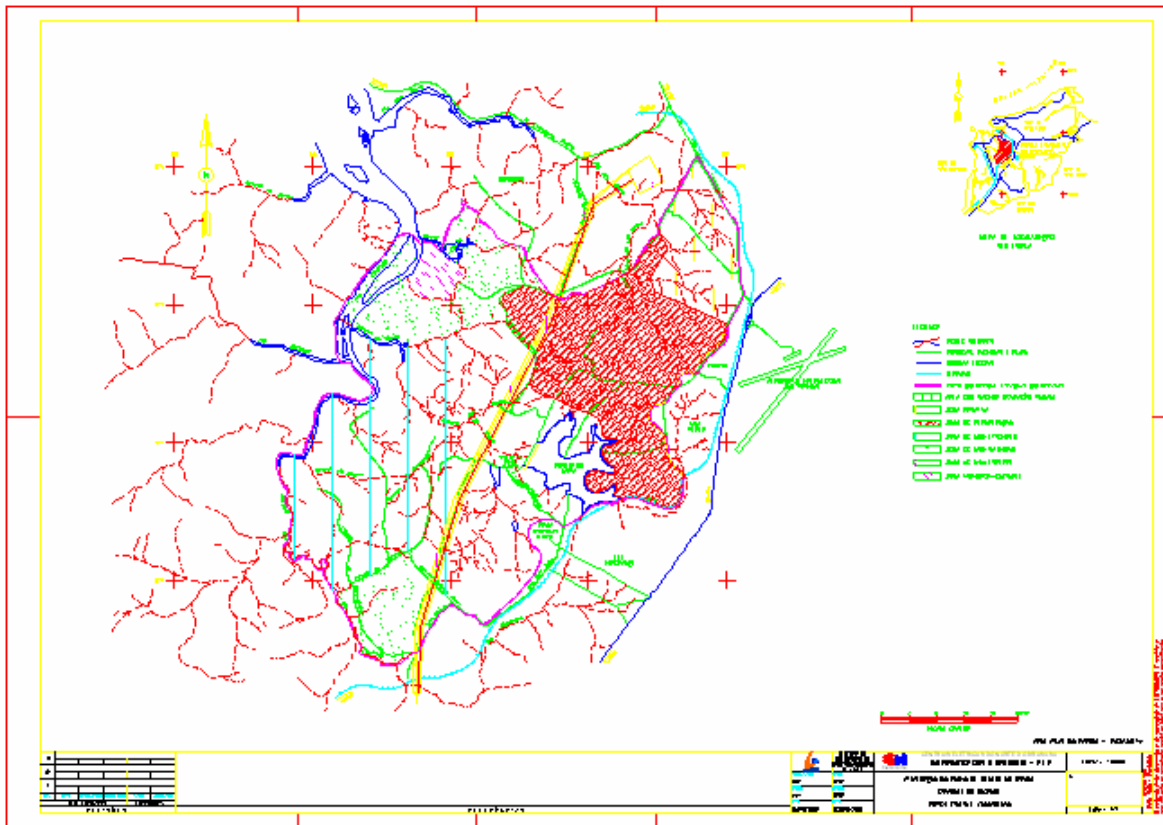


Figura 2- Planta do Parque Estadual do Bacanga- São Luís-MA, onde localiza-se o sambaqui do Bacanga.



Figura 3- Imagem aérea do Parque Estadual do Bacanga, avistando o rio Bacanga.



Figura 4-Ecosistema de manguezal, característico da área onde se localiza o sambaqui do Bacanga.

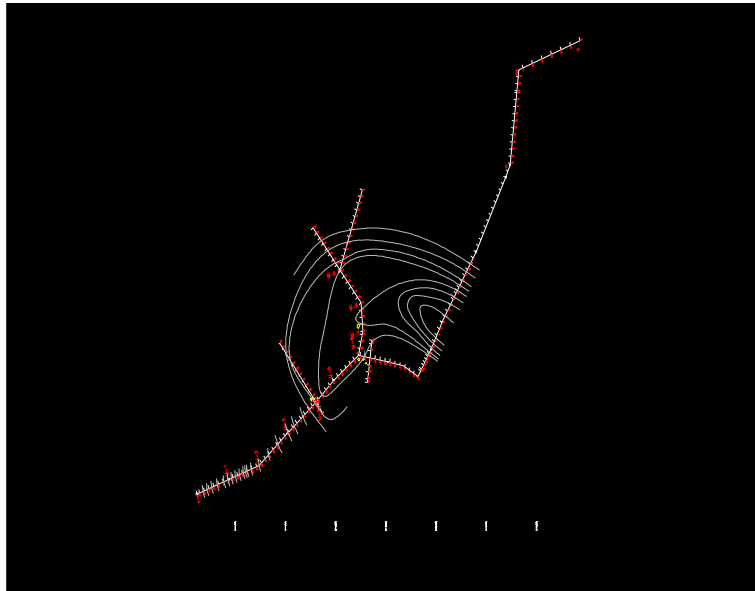


Figura 5- Planta do levantamento extensivo e altimetria do sambaqui do Bacanga.

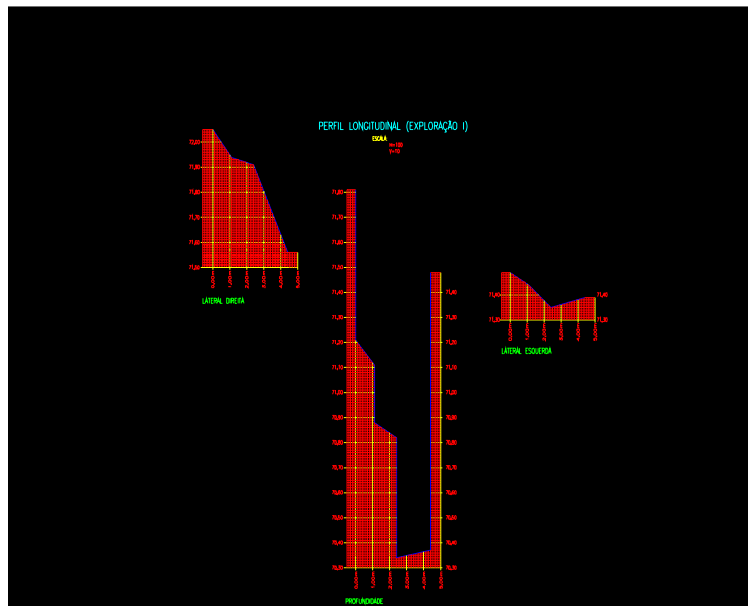


Figura 6- Planta da escavação do Perfil 1-sambaqui do Bacanga.



Figura 7- Quadriculamento da área de escavação 1- sambaqui do Bacanga.



Figura 8- Quadriculamento da trincheira exploratória- sambaqui do Bacanga.



Figura 9- Área da trincheira exploratória em processo de escavação.

Figura 10- Evidenciação de uma estrutura de combustão, localizada na trincheira exploratória com material cerâmico, faunístico, carvão e blocos de laterita.



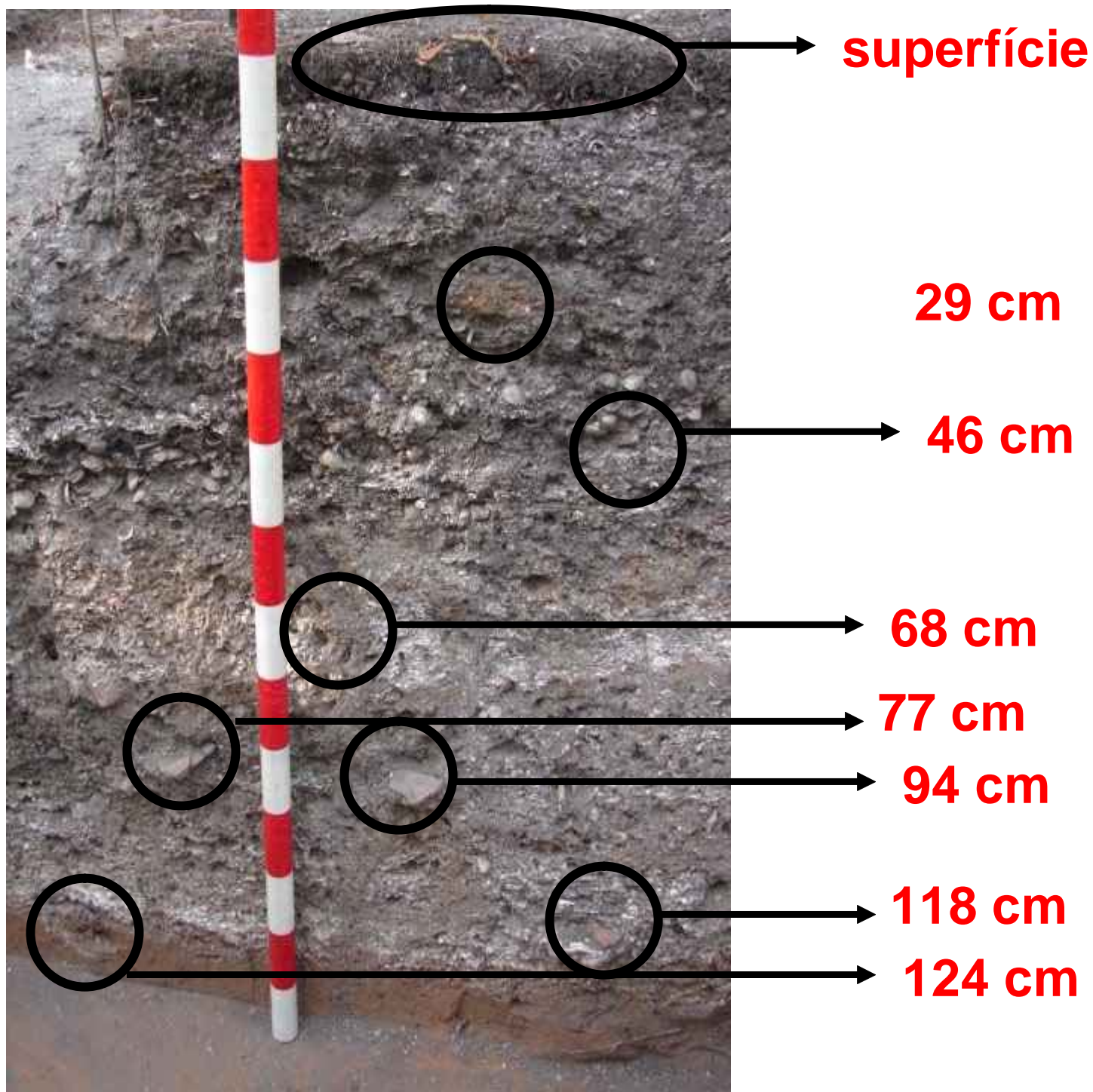


Figura 11- Perfil da parede norte- trincheira exploratória, com indicações da ocorrência cerâmica no registro arqueológico.

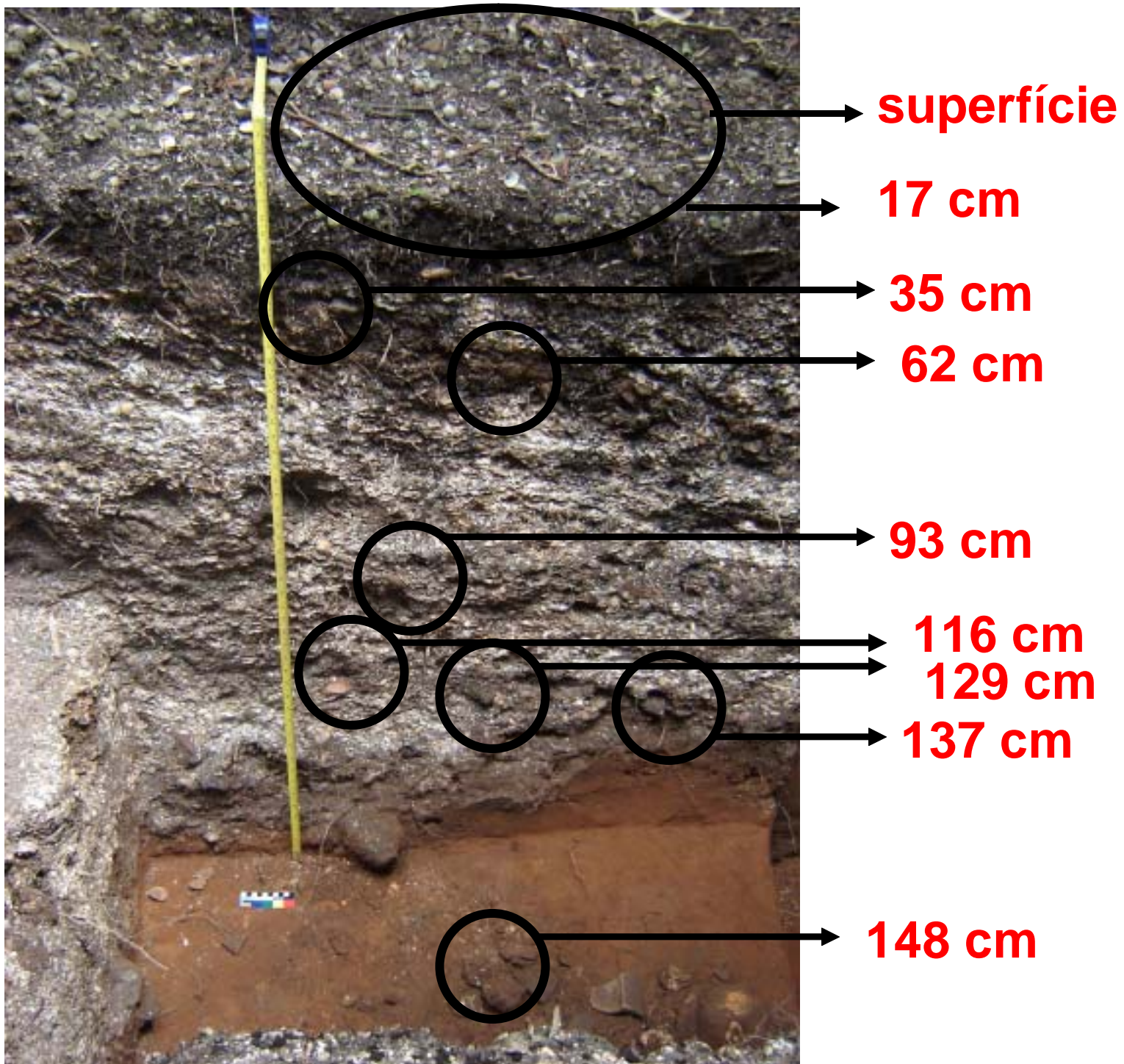


Figura 12- Perfil da parede leste- perfil 1 -com indicações da ocorrência cerâmica no registro arqueológico.



Figura 13- Restos faunísticos e blocos de laterita circundando a fogueira-trincheira exploratória.

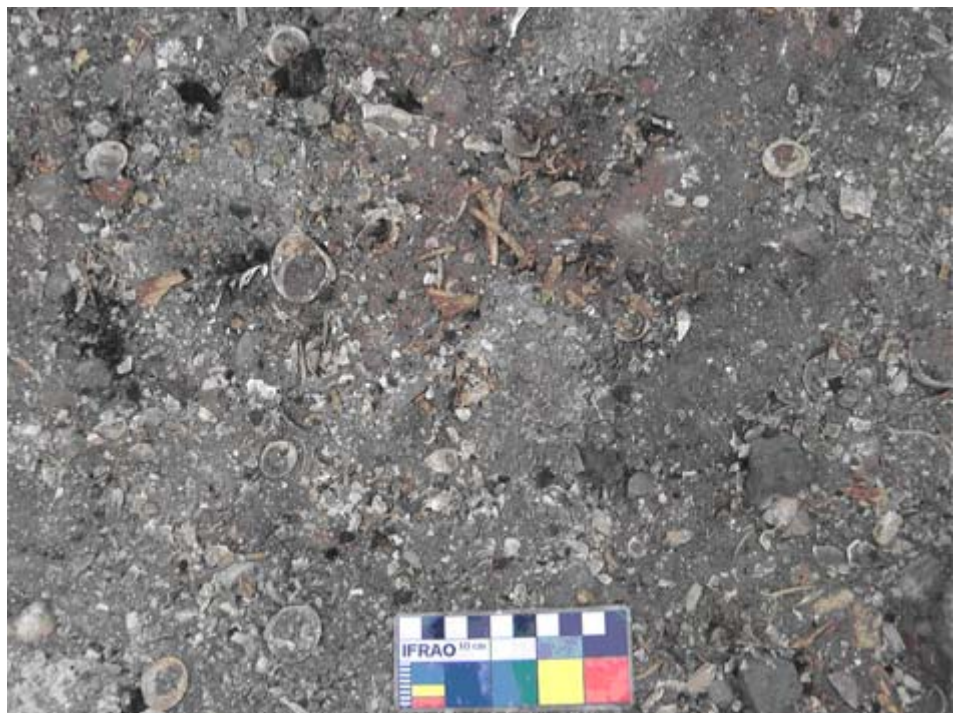


Figura 14- Restos faunísticos e ocorrência de carvão-trincheira exploratória.



Figura 15- Evidenciação de uma camada cerâmica com conchas e objetos líticos

Figura 16- Fragmentos cerâmicos e carvão decapados no último piso que antecede o solo estéril.



Figura 17- lâmina de machado polida evidenciada em uma área próxima a fogueira 3- trincheira exploratória.

Figura 18- Nódulos de ocre associados à manchas amareladas na área da fogueira 3- trincheira exploratória.





Figura 19- Fragmentos de cerâmica higienizados e colocados para secar em temperatura ambiente.

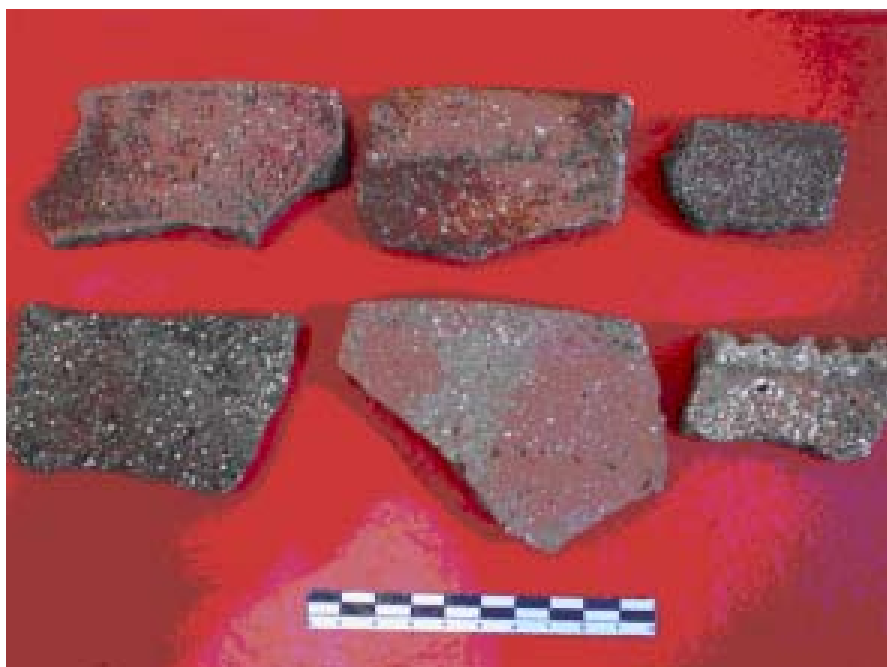


Figura 20- Exemplos de cerâmica Mina evidenciados no sambaqui do Bacanga. Detalhe pra o antiplástico em concha moída.



Figura 21- Exemplos de cerâmica Mina com decoração incisa e temperada com conchas moídas e areia.

Notas

¹ Arkley Marques Bandeira - Programa de Pós-graduação em Arqueologia-Museu de Arqueologia e Etnologia-USP.

² Old Crow-Canadá, Texas Street e Calico Mountains- EUA e Vaslsequillo no México.

³ Sul dos EUA e México, Nicarágua, Chile e Brasil.

⁴ Sítios em todo o continente americano.

⁵ Estabelecida a partir da descoberta de sítios no planalto norte-americanos com a ocorrência de pontas de lança lascadas em ambos os lados com caneluras associadas a ossos de megafauna, datadas entre 11. 200 até 8.500 anos atrás (ROOSEVELT, 2000: 36).

⁶ Principalmente na América do Sul, com sítios apresentando antigüidade significativa no Nordeste do Brasil.

⁷ Segundo Mário Simões, a meta do Projeto Salgado era estabelecer uma seqüência de desenvolvimento cultural e temporal do litoral do Pará, a partir de sua ocupação por grupos de agricultores incipientes ou ainda de horticultores de Floresta Tropical (1981: 78).

⁸A Amazônia sempre foi vista por pesquisadores como Betty Meggers e Clifford Evans como um ambiente limitador para o desenvolvimento de sociedades complexas. Toda e qualquer inovação cultural era encarada como fruto de influências de povos externos que adentraram ao ambiente de floresta tropical.

⁹ Esse tipo cerâmico foi chamado de Mina, devido à extração de material osteomalacológico para diversos fins ser feita nesses sambaquis, então conhecidos como minas de sarnambi.

¹⁰No modelo do Formativo Colonial, culturas produtoras de cerâmica estabeleceram suas coloniais na costa caribenha da Colômbia e que mais tarde serviu como ponto de origem para tecnologia da cerâmica temperada com fibra da Florida e Georgia, que posteriormente expandiram-se para outras áreas da América do Sul (HOOPES, 1994: 3).

¹¹ Donald Lathrap (1977) propõe uma ocupação muito antiga para a Amazônia Central e o Baixo Amazonas por grupos de pescadores sedentários e coletores, com uma cerâmica muito simples emergindo, por volta de 3.500 a. C. ou mais antiga.

¹² Segundo Anna Roosevelt (1995: 119) José Brochado encontrou no Museu Goeldi e depois circulou uma lista mimeografada de datações do Smithsonian, que incluía algumas das datas não publicadas, particularmente a mais antiga. Devido a esse achado, a autora teve acesso aos registros originais e obteve autorização para publicá-los, como reproduzimos aqui.

¹³ Fugiria de nosso tema uma abordagem detalhada desses complexos cerâmicos, mesmo porque foram publicados apenas dados parciais por Roosevelt et. al. (1991) e Roosevelt (1992, 1995, 1997) e que não trazem uma correlação direta com a Tradição Regional Ceramista Mina.

Referências bibliográficas

- AB'SABER, A. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades e limites. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALVES, M. A. Teorias, métodos e avanços na arqueologia brasileira. *Canindé-Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, n. 2, 2002.
- ARENAS, V. I. & OBEDIENTE, S. M. Revisión crítica da la arqueología suramericana. In: Betty Meggers (Org.) *Prehistoria Suramericana, nuevas perspectivas*. Taraxacum/ Washington, 1992.
- BANDEIRA, A. M. O sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís: um estudo sobre a ocorrência cerâmica no registro arqueológico. Projeto de dissertação de mestrado a ser desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____. Escavação arqueológica e ocorrência cerâmica em níveis profundos no sambaqui do Bacanga-São Luís-Maranhão. *Anais do IV Workshop arqueológico MAX/Petrobrás*. MAX/UFS, Aracaju, 2006a.
- _____. Povoamento pré-histórico da ilha de São Luís-Maranhão: síntese dos dados arqueológicos e hipóteses para compreensão dessa problemática. *Caderno de resumos da V Sociedade de Arqueologia Brasileira- regional Sul*. FURG, Rio Grande, 2006b.
- BLASIS, P. de. Da era das glaciações às origens da agricultura: uma das mais antigas culturas do território brasileiro. In: *Brasil 50 mil anos, uma viagem ao passado pré-colonial*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BROCHADO, J. J. J. P. An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America. Tese de Doutorado. Universidade de Illinois-Urbana-Champaign, 1984.
- DUARTE, P. O sambaqui visto através de alguns sambaquis. São Paulo: Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, 1968.
- EVANS, C. & MEGGERS, B. Lowland South American and the Antilles. In *Ancient Native American*, Edited by J. D. Jennings, San Francisco: W. H. Freeman, 1978.
- FREITAS, M. V. de. Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II. Belo Horizonte: Ed. UFMG (Humanitas), 2002.
- GASPAR, M. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.
- GASPAR, M. D. Os ocupantes do litoral brasileiro. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000c.
- GASPAR, M. D.; IMAZIO, M. Os pescadores-coletores-caçadores do litoral Norte brasileiro. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- GUIDON, Niéde. Povoamento da América. In: BUCO, Cristiane & Ignácio, Elaine (Orgs.) *A arqueologia*. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano, 2005.
- HILBERT, P. P. Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Amazonas. In: *Boletim do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. Belém, n° 10. 1959.
- HOOPEES, J. W. Ford revisited: a critical review of the chronology and relationships of the earliest ceramic complexes in the New World, 6000-1500 B. C. In: *Journal of World Prehistory*. Vol. 8, N° 4, 1994.
- IMÁZIO, M. I. da & SCHAAN, D. P. A Amazônia também tem mar! O Piatam-mar e a arqueologia da zona costeira. In: *Caderno de resumos do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Arqueologia, Patrimônio e Turismo, Campo Grande, 2005.
- LATHARAP, D. W. Our father the Cayman, our mother the ground: Spinden revisited or a unitary model for emergence of agriculture. In: *The New World*. In REED, C. A. (ed). *Origins of Agriculture*, Mouton, The Hague, 1977.
- LIMA, O. C. Mário Simões e a arqueologia maranhense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*, São Luís, Ano LXII, n. 14, 1991.
- LIMA, O. C.; AROSO O. C. L. *Pré-história maranhense*. São Luís: Gráfica Escolar S/A, 1989.
- LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. In: *Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia II*, revistausp, São Paulo, n. 44, 1999/2000.

- LOPES, R. A civilização lacustre do Brasil. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nº 2, v. I, Rio de Janeiro, janeiro de 1924.
- LOPES, R. Entre a Amazônia e o Sertão. Boletim do Museu Nacional, vol. VII, Nº 3. Rio de Janeiro: setembro de 1931.
- _____. Uma região Tropical. Rio de Janeiro: Cia Fon-Fon e Seleta, 1970.
- MACHADO, A. L, CONCEIÇÃO G. C. e LOPES, D. F. Os sambaquis da Ilha de São Luís, Maranhão. Anais do I Simpósio de pré-história do Nordeste Brasileiro (Recife-PE). CLIO-Série Arqueológica, Recife, n. 04- Extra, 1991.
- MARTIN, G. La antigüedad del hombre en el Nordeste de Brasil. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, Nº. 02, 1992.
- _____. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora da UFPE, 1996.
- _____. Catálogo da Exposição ANTES - Histórias da Pré-história. 2005.
- MEGGERS, B. & EVANS, C. Archaeological excavations in the British Guiana. Bureau of American Ethnology Bulletin, Nº 177. Washington: Smithsonian Institution, 1960.
- MEGGERS, B. América Pré-Histórica. Tradução: Eliana Texeira de Carvalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2º ed., 1979.
- _____. La cerámica temprana em América Del Sur: ? Invención independiente o difusión?. Revista de Arqueología Americana, Nº 13, julio-diciembre, 1997.
- NEVES, E. G. Twenty years of Amazonian archaeology in Brazil (1977-1997). In Antiquity, Special section: Issues in Brazilian Archaeology, Nº 09, vol. I, 1998.
- NEVES, E. G. Changing Perspectives in Amazonian Archaeology. In: Archaeology in Latin America. Edited by B. Alberti. London: Routledge, 1999.
- NEVES, E. G. O velho e o novo na arqueologia Amazônica. In: Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia II, revistausp, São Paulo, n. 44, 1999/2000.
- NEVES, E. G. "A velha Hiléia": paisagens e passado de povos amazônicos. In: Brasil 50 mil anos, uma viagem ao passado pré-colonial. São Paulo: Edusp, 2001.
- PESSIS, A. M. Revista Fumdamentos-Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento de América. São Raimundo Nonato, Nº 1, 1996.
- PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 1992.
- PROUS, A. O Povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. In Surgimento do homem na América. Revistausp. São Paulo, Nº. 34, 1997.
- ROOSEVELT, A. C., et. al. Eight millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. Science, Nº 254, USA, 1991.
- ROOSEVELT, A. C. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: Origens, adaptações e diversidade biológica do homem amazônico. Org. NEVES, W. A. Belém: MPEG/ CNPq/SCT/PR, 1991.
- _____. Arqueologia Amazônica. In: Organização CUNHA, M. C. da C. História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.
- _____. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity. In: The emergence of pottery. Technology and innovation in ancient societies. Eds. William K. Banrett and John Hoopes, eds. Washington: Smithsonian Institution Press, 1995.
- _____. The demise of the Alaka initial ceramic phase has been greatly exaggerated: response to D. Williams. USA: American Antiquity, nº 62 (2), 1997.
- _____. O povoamento das Américas: o panorama brasileiro. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- SCATAMACHIA, M. C. M. O aparecimento da cerâmica como indicador de mudança do padrão de subsistência. In: Revista de Arqueologia. Sociedade de Arqueologia Brasileira, Vol. 6, 1991.
- SIMÕES, M. F Relatório semestral de atividades do Pesquisador-Chefe Mário Ferreira Simões para o segundo semestre de 1971. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971.
- _____. Relatório sucinto das atividades científicas de Mário Ferreira Simões realizadas no 1º semestre de 1975. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1975a.

- _____. Relatório semestral de atividades do pesquisador Mário Ferreira Simões em 1975. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1975b.
- _____. Plano de pesquisas de Mário Ferreira Simões para 1975. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1975c.
- _____. Relatório de pesquisas de Mário Ferreira Simões para 1975. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1975d.
- _____. Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à arqueologia da Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1975e.
- _____. Contribuição do Museu Goeldi à arqueologia da Amazônia. Belém: MPEG, 1978.
- _____. Coletores- pescadores ceramistas do litoral do Salgado, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Nova Série, Belém, n. 78. 1981.
- SIMÕES, M. F.; COSTA, F. de A. Áreas da Amazônia Legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n. 30, 1978.
- STEWART, J. Culture areas of the tropical forest. In Julian Steward (ed.) The Handbook of South American Indians, vol. 3. Washington: Bureau of American Ethnology, N° 143, Smithsonian Institution, 1948.
- WILLIAMS, D. Early pottery in the Amazon: a correction. USA: American Antiquity, N° 62 (2), 1997.
- Zoneamento Ecológico e Ambiental do Estado do Maranhão, GOVERNO DO MARANHÃO 2004.